

FÁCIL DIFÍCIL DIFÍCIL FÁCIL FÁCIL DIFÍCIL DIFÍCIL FÁCIL

PONTOS DE VISTA

MARCELO PERRONE

Marcelo Perrone Campos é artista plástico, ilustrador, poeta e prosador. Nasceu em 26 de março de 1958, em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro. Publicou *Eu/Tu Poema* (livrete artesanal), 1980; *Corpo mineral* (poema-folha), 1981; *A cadeira sobre o assoalho* (poema-folha), 1981; *Contos/Poesia/Teatro* (trilogia), publicação do Centro Gráfico do Senado Federal, 1988. Em Brasília, produziu o programa semanal "Entrelivros" (Rádio Cultura/FM), 1990.

CONTRATO Nº 281097
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VII Nº 82/90
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

51^{NS}

*Uma boa
idéia!*

POETAS DE BRASÍLIA



No Século XXI

Câmara Legislativa do Distrito

Presidente

Gim Argello

Vice-Presidente

Edimar Pireneus

1º Secretário

Maria José Maninha

2º Secretário

Carlos Xavier

3º Secretário

Conselho Editorial: Francisco Gustavo de Castro Dourado, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Margarida Patriota, João Henrique Serra Azul, José Ferreira Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, José Prates, Gracia Cantanhede, José Geraldo Pires de Mello, Luiz Gonzaga Rocha, Diniz Felix dos Santos, Romário Schettin, João Vianney C. Nuto, Marco Túlio Lustosa de Alencar.

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Randal Junqueira. **Assistente da Coordenação:** Wellington M. Oliveira. **Editor DF Letras:** Luis Turiba. **Programação Visual:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini. **Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra, Rinaldo Morelli, SETUR e EMBRATUR. **Revisão:** Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço.

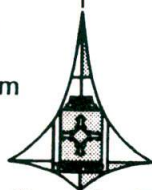
Digitação: Gilberto Lucas. **Chefe da Seção de Editoração:** Valéria Castanho. **Equipe:** Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrauzino, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Marizete Amaro, Nelci Stein e Oscar Monterrojas. **Chefe da Seção de Produção Gráfica:** Pedro Victor de Senna Rodrigues. **Equipe:** Antônio A. dos Santos, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Guilherme Bacalhao, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, João Batista Neto,

Tiragem:

5 mil exemplares.

Esta edição compreende os números 82/90, meses de março a dezembro/2001.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (061) 348-8000

DF Letras

Câmara Legislativa do DF

SAIN - Parque Rural

Brasília - DF - CEP 70086-900

Cartas

Sr. Editor,

Gostaria de ganhar 2 exemplares da revista DF Letras, pois sou estudante e gosto muito de ler. Encantei-me com a revista e pedi o endereço a minha professora, na expectativa de recebê-la em breve.

Sandra Ramos dos Santos / MT

Sr. Editor,

Saúde e paz!

Quero apresentar minhas congratulações a todos pelo tão conceituado trabalho editorial. Agradeço pelo envio da revista e parabéns pelas tão envolventes páginas de cultura.

Maria Betânia K. Andrade / BA

Sr. Editor,

Mais de meia década de DF Letras!

Foi bom demais, era tão nova, um simples folheto! Hoje, com toda esta beleza, charme, inteligência, está cada vez melhor! Em várias cidades por onde passei, solicitei a DF Letras.

Gostaria de receber alguns exemplares das últimas revistas, se possível, pois a beleza das poesias serve de inspiração para a turma.

Profa. Aurea / MT

Sr. Editor,

Ratificamos, por meio desta, correspondência de fevereiro de 2000, na qual mostramos o nosso interesse em continuar recebendo exemplares das edições da revista DF Letras.

Solicitamos a Vossa Senhoria o envio de tais revistas pelo fato de estarmos cientes de que as mesmas são valiosas e enriquecedoras, servindo assim aos nossos professores e alunos.

Esperamos, portanto, contar com a colaboração de Vossa Senhoria no atendimento ao nosso pedido e, desde já, agradecemos.

Profa. Olenice Pires Sobrinho / GO

Sr. Editor,

Sou aluna do Colégio Estadual Higino da Silveira em Teresópolis no Rio de Janeiro. Meu nome é Marluia Ribeiro de Moraes, tenho 13 anos, estou na 6ª série, turma 602. No colégio estamos fazendo um trabalho sobre folclore; por isso escrevo a vocês, solicitando que nos enviem as informações disponíveis sobre o assunto para enriquecer nosso trabalho. A resposta pode ser enviada ao Colégio Estadual Higino da Silveira, em Teresópolis. Nosso interesse é folclore,

Vídeos; Internet e shows com bandas rock e pop.

Independente do evento, li comentário do QI de Edgar Guimarães sobre essa publicação e fiquei supercurioso para conhecê-la! O que faço para obter um exemplar dela? Agradeço a atenção e fico ao dispor de vocês. Forte abraço.

Jenuíno André / PB

Sr. Editor,

É com imensa satisfação que lhes escrevo para solicitar informações a respeito da revista DF Letras, da qual gostaria de participar, pois já publiquei minhas poesias em alguns livros. Espero receber resposta em breve.

Edmilson Batista Caludino / GO

Sr. Editor,

É com alegria que venho lhe comunicar que está a sua disposição um novo serviço da Antologia Del'Secchi (Antologia Literária Internacional). Além de ter a possibilidade de conhecer um dos volumes anteriores da Antologia, ou um dos livros publicados para autores participantes da mesma, você poderá também optar pelo recebimento de outras obras, em prosa e verso, e também de algumas outras antologias. Estou oferecendo esses livros em troca de selos postais no valor de R\$ 8,00, por exemplar.

Seu apoio será de inestimável valia para a manutenção da vasta rede de comunicações que esta Antologia conseguiu estabelecer entre os poetas e escritores residentes em todo o Brasil.

Contando com você, renovo meus protestos de estima e admiração, enviando-lhe minhas fraternas saudações.

Roberto de Castro Del'Secchi / RJ

Sr. Editor,

Gostaria de agradecer o envio da revista DF Letras. Gostei muito do conteúdo!!! A matéria sobre Margarida Patriota está perfeita.

A matéria do Senhor Joilson Portocalio é de uma forte expressão, pena que a classe superior não tenha uma visão aberta e evolutiva como a do senhor Joilson... Os poemas também marcaram muito.

Alá! As dicas dos livros possuem uma forte referência para quem não tem tanto conhecimento, além disso dá ao escritor uma oportunidade de mostrar sua arte.

Bom! O que mais gostei foi o conto de Affonso Heliodoro (Quarto Minguante).

O autor revela em sua arte o amor pela bela Brasília... Fico feliz em observar que em nossa Brasília há grandes escritores, poetas, moradores do imaginário das palavras.

Muito obrigado pela revista...!!!

Amo este povo brasileiro rude

ANTÔNIO CARLOS OSÓRIO

**Transforma-se o amador na coisa amada
Por virtude do muito imaginar.**

(Camões, Soneto).

Amo este povo brasileiro rude
ruidoso rompendo rotas e futuros
faminto de carne – Deus e de grandeza

Amo este povo alegre e barulhento
poeta de um existir valente
talhado pelo sol

a construir espaços
e a modelar ventos.

Amo este povo brasileiro rude
onde quer que o encontre
– e quero encontrá-lo cada vez mais –
nos canteiros de obras e nas fábricas
nas ruas e nos campos
nos vilarejos e nas profítópolis
nas igrejas e nas escolas de samba
nas lapas dos milagres e nos botequins.

Gosto de sentir o cheiro escuro de seu suor
suor que há tanto lavra esta enorme terra sua.

Amo este povo brasileiro rude
gosto de ouvir sua risada aberta e desdentada
quente acalentando coração magoado.

Amo este povo que bebe cachaça com seus beijos sujos
e não sabe o que é soufflé, strogonoff ou filet au poivre
e jamais provará hors d'oeuvre.
Seu apetite voraz come farinha e carne de sol a tentar
matar fome de séculos.

Amo este povo brasileiro rude
gosto de vê-lo possante em sua imensa multiplicidade
Amo a sua coragem de viver com alegria
e sua fé em Deus e nas Nossas Senhoras dos Milagres.

*Esconde os olhos cansados
quando reza nas folias
com seus cantos mata a fome
com rezações, endemias
tantos santos!
tantos dias!*

Amo sorver seus passos
nos campos largos, nas barcaças, nos motores montarias
nos cavalgares das caatingas
nos remares longos pelos rios em calmaria
no matraquear das fábricas lutando com o monstro cuja
estranha língua ignora.

Amo este povo brasileiro rude.

Eu amo este povo, rude brasileiro
amo a sua insaciável esperança
frustrada até agora sempre

pelos políticos das secas
pelos burocratas de gravata borboleta
pelos democratas das liberdades dos
negócios pandos
pelos capitães do mato a apressá-lo gato
e a gastá-lo de esqueleto.

Amo o seu sangue e esta cor do velho sangue
cor da mesma terra antiga bela
pintada por épica paleta na preta ventretela.

Amo este povo brasileiro rude
e quero amá-lo cada vez mais, em abraço que me abrase

no futuro másculo que vai construir
em músculo retesado e coração de pomba.

Amo este povo, rude brasileiro
Amo este povo brasileiro rude.

Antônio Carlos Osório nasceu em
Quaraí (RS). Chegou em Goiás em 1956,
passando pelo Rio de Janeiro e ficando em
Brasília, onde se casou, e reside há mais
de 40 anos. É bacharel em Direito e
presidente da Academia Brasiliense de
Letras. Publicou vários livros, entre eles, *O silêncio e suas
raízes – poesia*, prêmio Olavo Bilac 1993, da ABL e *Peço a
palavra pela ordem – ensaios e contos*, prêmio Aníbal
Freire 1994, também da ABL.



Um brinde à cultura em Brasília

No decorrer da atual legislatura, a Câmara Legislativa do DF apoiou inúmeras iniciativas artísticas e culturais de diversos segmentos de Brasília. Os exemplos pulsam e se multiplicam.

O plenário da CLDF recebeu em novembro de 2001 a banda de rock brasiliense Capital Inicial. Seus integrantes foram homenageados com o título de Cidadão Honorário de Brasília, por iniciativa da deputada Maria José Maninha.

Elaboramos a Lei das Artes Plásticas para prédios públicos, tornando obrigatória a existência de obras de arte em praças ou edifícios com mais de mil metros quadrados, públicos ou privados, a serem construídos em Brasília. Muitas construtoras estão colocando em prática a lei e um novo mercado para os artistas plásticos começa a se consolidar.

Distribuímos em dezembro o Prêmio Câmara Legislativa para o Cinema Brasiliense, durante o 34º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Este é o maior prêmio do cinema brasiliense.

O filme "O Casamento de Louise", de Betse de Paula, foi escolhido como melhor longa-metragem e ficou com o prêmio de R\$ 50 mil. Foram premiados também o melhor curta de 35 mm e o melhor curta de 16 mm.

Publicamos cinco exemplares da revista DF Letras, em que foram abordados diversos temas, com muita ênfase para a poesia brasiliense.

Realizamos o seminário Brasília: Memória e Cultura, em que a CLDF mostrou à sociedade as melhores maneiras de preservar Brasília, como patrimônio cultural e histórico da humanidade.

Entre as visitas ilustres, tivemos o prazer de receber para uma sessão solene o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, mundialmente conhecido, que expôs, em Brasília, o seu trabalho "Êxodos", a saga da reorganização das famílias no fim do século em todo o mundo.

No final de 2001, iniciamos um debate sobre a implantação de uma Lei de Incentivo à Cultura no DF. Das diversas reuniões participaram deputados distritais, artistas e produtores culturais, a secretária de Cultura, Luiza Dornas, e um representante do secretário de Fazenda, Valdivino de Oliveira.

Ao contrário do que se pensa, o debate não se encerrou com o fim do ano. Ele prossegue e se amplia, pois uma lei de cultura para a nossa cidade só vingará se for suprapartidária, estando acima de ideologias e interesses pequenos. Precisamos, sim, do apoio fundamental e irrestrito do Executivo, para tirarmos essa lei do papel.

Ao publicarmos este número especial da DF Letras – dedicado à poesia pura, sincera e instigante – queremos fazer um brinde à cultura em Brasília, uma capital de arquitetura singular, de curvas sinuosas e beleza imponente.

Gritemos um viva!!! Ainda vivemos o sonho de JK, acalentado desde a década de 50. Vamos avançar no sentido de aglutinar a efervescência empreendedora e poética de Brasília. Convido você, leitor, a degustar essa grande salada poética da DF Letras.

Gim Argello

Deputado distrital pelo PMDB-DF
e Presidente da Câmara Legislativa

CASA DAS PA

AMARGEDOM

CASSIANO NUNES

(À Dra. Nise da Silveira, naturalmente)

Também um dia, um tempo,
conheci a demência,
para não ser ou não me sentir
superior aos outros.

Se a doença voltar,
se a loucura voltar,
não me feches tuas portas,
ó casa materna,
útero alcatifado de minha mãe.

Na masmorra da angústia
fui lançado de repente,
para reconhecer
a herança da nossa miséria,
os vínculos fraternos.

O que me falta ainda
para ser humilde?

Nessas horas, nesses anos de tortura,
despossuído de mim

- Só. -

eu temia

a ausência de um teto,
da proteção das paredes,
de um espaço de paz...

Não sabia que existias,
Casa das Palmeiras,
na Pátria dos sabiás.



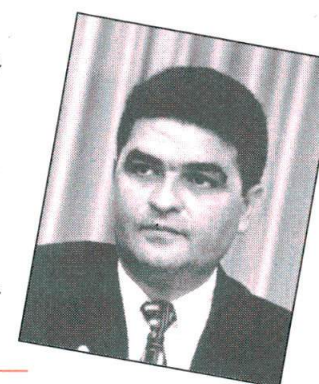
EU SOU UM EM MIM

EU SOU SIM POR QUE NÃO?!

EU SOU NÃO PORQUE SIM

EU SOMOS SETE EM MIM

Gustavo Dourado, conhecido como Amargedom, é baiano de Irecê. É professor, produtor cultural, assessor de Literatura da Fundação Cultural do DF e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do DF, repentista e cordelista. Publicou oito livros, entre eles Linguatomo, poesia e folhetos. Participa de diversas antologias, jornais e revistas. É licenciado em Letras pela UnB.



Itinerário

dos

versos

JOANYR DE OLIVEIRA



Joanyr de Oliveira,

formado em Teologia, no Rio de Janeiro e em Direito (UDF), é pioneiro da UnB, onde iniciou os cursos de Letras Brasileiras e Filosofia Pura. Joanyr é jornalista e foi autor da primeira obra literária editada na Nova Capital. Escreve poemas desde os 13 anos. Autor de mais de 20 livros, de poemas, contos, prosa, participa de antologias e outras publicações no Brasil e exterior. Obteve mais de 30 destaques literários. Chegou em Brasília em 1960, como revisor da Imprensa Nacional.

Os primeiros versos desciam sofridos
de estiletes, de pontas, de penas,
do lápis acossado pelas lâminas.
(A caligrafia navegava suspiros
e conduzia os editos dos reis.)

A caneta embebedava-se no tinteiro
e o saldo de seu trabalho era mínimo...

Insone, o progresso maquinou mais.
O tinteiro aninhou-se no ventre da caneta,
na conjunção mais ruidosa da História.

Depois, veio a máquina de casar letras.
(Os olhos bendisseram o milagre, e sorriram.)
Os versos aprenderam a correr
sem renunciar a sua dignidade.

Um dia, as correntes elétricas
adentraram o corpo da máquina
- a velocidade a cavalgar os fios e plugues -
e as palavras se converteram em flechas.

Hoje, há uma caixa de pensamentos
obediente aos dedos e ao espírito.
(Os versos caminham na tela
como pássaros misteriosos.)
Solícita, registra, transpõe e adverte;
transmuda, espraia e elimina
quimeras e esboços, num átimo
e na mais perfeita humildade deste mundo!

O século Vinte-e-um bate à porta
com amplos sonhos em aço,
fibra, pilhas, raio leiser e outros
elementos ainda nas conchas dos ventos.
Logo estaremos a incrustar nas nuvens
os mais altos e fulgurantes poemas.

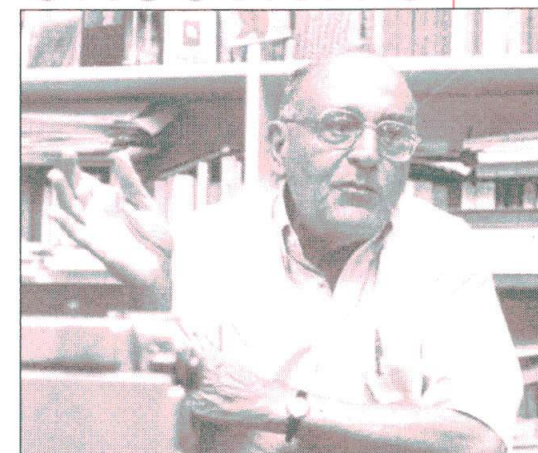
LMEIRAS

Acolhe-me caridosamente,
deixa-me viver os últimos dias
na companhia
dos meus irmãos mais simples.
Os renegados.
Os bem-aventurados.

Que eu fique com eles
em convívio amoroso,
até que chegue o sono
em que a poesia acaba.

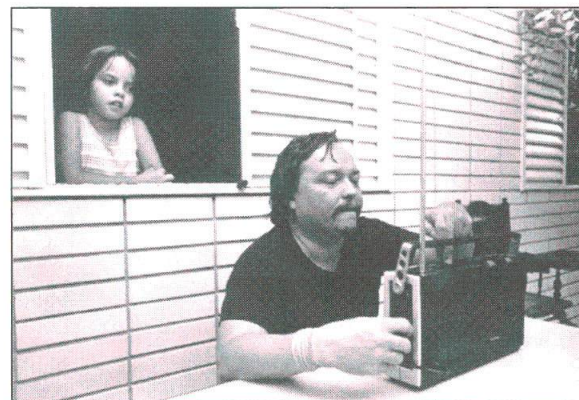


CASSIANO



Cassiano Nunes, nascido em Santos, em 1921, é de origem portuguesa e conheceu a literatura lusa antes da brasileira. Chegou a Brasília em 1966, incentivado pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, para lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Brasília. Ligado às tendências modernistas e intelectual nato, Cassiano fez-se editor de prestígio reconhecido em São Paulo nos anos cinquenta. Trabalhou por dez anos na Editora Saraiva e, no ambiente literário, estreitou relacionamento com Drummond, Manuel Bandeira, Mário e Oswald de Andrade. Formou-se na Universidade de São Paulo, em Letras Anglo-Germânicas e, como bolsista, estudou literatura norte-americana nos Estados Unidos. Cassiano é unanimidade quando o assunto é poesia de excelência. Prestes a completar 80 anos, não deixa de participar dos eventos culturais da capital.

Vai graxa, doutor?
Engraxa,
porque senão a mão acha
outra forma de achar.
Engraxa, doutor,
porque de tarde,
atrás da caixa,
eu respeito o senhor.
Mas de noite, doutor?
No escuro, doutor?
Com fome, doutor?
Engraxa por favor.



"A poesia eu descobri em Porto Velho, minha terra, ainda garoto. E ela me veio pelas mãos de meu pai, até hoje para mim exímio declamador. Ao longo da vida, pelo exercício da militância política e do jornalismo, descobri que poesia, antes de mais nada, é denúncia. E assim é que passei a usá-la, desde os tempos do velho CPC-UNE. E é assim que, de vez em quando, continuo me valendo dela. Por isto, mais que poeta, me considero um repórter do verso".

Chico Dias

REYNALDO JARDIM

Yin, Yang, Jung

"Um poema de Reynaldo Jardim é sempre uma surpresa", escreveu o ator Ari Pararaios sobre o poeta que criou o Caderno B do Jornal do Brasil e revolucionou o jornalismo artístico e cultural. Aliás, Reynaldo vem reciclando a poesia brasileira desde o início dos anos 50.

Ternuras, pâncreas, temores,
sumos que a estrela destila.
Sutilezas de rumores:
águas quebradas, argila.

Assim surgido de chofre,
rasgando véus e cortinas:
arde queimando de enxofre,
cavalo de seda e crinas.

E não pasta, antes voeja,
desasado de plumagem.
Beijando (faz que não beija)
o céu da perdida imagem.

Vaca que a si mesma aleita,
faca em ferrugem no rio.
Lacre na carta suspeita,
prazer anterior ao cio.

Arqueologia da imagem
grafada a ouro no leite.
Lâmina d'água, paisagem,
Vela queimando no azeite.

Eis que bóia assassinada
(faca impune ao horizonte)
no pasto a vaca sangrada:
inútil estrela na frente.

Prazer que se faz ciúme,
o outro em lugar do eu.
Carícia, mais que perfume,
o lucro de quem perdeu.

O peixe na frigideira,
ovo estrelado, celeste.
Águas silvestres, ribeiras,
flores no púbis do agreste.

Espelho de imagem baça,
amor se faz estilhaço.
O que era um já não passa
do outro dentro do abraço.

Serpente em prata dourada,
medula espinhal desfeita.
Unha sangrando cravada
na teta mãe que te aleita.

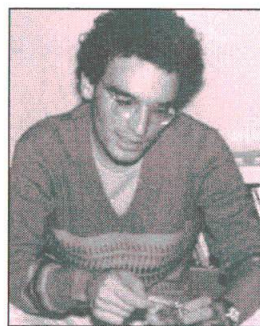
Sete seios transbordantes,
vinhos de tenra hortelã.
A noite lambendo o antes,
ensandecendo a manhã.

Depois a boca sugando,
no umbigo do ventre tenso,
licores de quem amando
vê o suplício, por dentro.

beethoven

KÁQUI

qua
se
mou
co
ou
ço
(pe
lo
la
bi
rin
to
?)
só
o
os
so
do
so
m



Francisco José Coelho Saraiva
é o Káqui. Nasceu em Recife
em 24/07/61 e mora em Brasília
desde 1967. É licenciado em Letras.
Com o grupo Heleura
Baboeilonestes, armou o labirinto
transparente - Evento Espacial
Multimídia (maio/87). Tem um livro
a ser publicado (Aresta) e projetos e
pesquisas com outras linguagens.

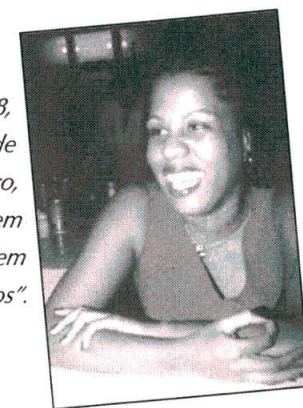
no
céu
do
cé
re
bro
som
a
som
se
som
a
em
ébr
io
des
son
ar

A PERERECA

CRISTIANE SOBRAL

Por que a perereca chama perereca
disse a menina levada da breca?
Porque ela é toda fofinha, disse a filha da vizinha.
Que bicho esperto, que bicho assanhado
Disse o irmão da menina todo assustado.
Vou descobrir mais coisas sensacionais.
A perereca tem olhos pretinhos
Ela pula em todos os cantinhos.
A perereca tem perna
É mocinha e moderna.
Não vive muito.
Meu medo é um gigante perto da perereca, só que eu desconheço.
Quando vejo esse bichinho estranho desapareço.
Nunca mais vou lavar a minha perereca.
Agora que conheço o ser verdadeiro que tem esse nome, não vejo graça.
Vou sair pela cidade e gritar no meio de uma praça.
Aberto o concurso de nomes para essa parte do meu corpinho,
antes se chamava perereca, porém agora se perdeu pelo caminho.
A perereca é que sabe das coisas, ela é toda lisinha, não tem rugas nem
crises.
A minha é que não pode se chamar perereca.
Já sei, sou sapeca,
dentro da calcinha de bolinha.
Tenho uma florzinha.

Cristiane Sobral é carioca e atualmente mora em Brasília. Em 1998,
graduou-se como a primeira atriz negra habilitada em Interpretação Teatral pela Universidade
de Brasília (UnB). Desde então tem realizado vários trabalhos em teatro,
cinema e vídeo. É também autora de textos teatrais como Uma boneca no lixo, montagem
premiada pelo GDF em 1998, e Dra. Sida, premiada pelo Ministério da Saúde, em 2001. Tem
contos e poemas publicados na coleção "Cadernos Negros".



EURÍPEDES LEÔNCIO

TRÊS MOMENTOS

da contemplação e do amor

MOMENTO

1

Minha infância salta
na manhã de meus olhos.
São dois meninos,
brincando na areia.
Esconde um, esconde outro...
Meus pensamentos recordam
as ruas de Palmelo.
Salve-cadeia, salve-Rainha...
Minha musa puxa-me
para o presente dos olhos seus.
Salto nas ondas
engolindo o sal das
recordações...

MOMENTO

2

Na tarde de minhas lembranças
músicas contam tristes estórias
de vaqueiros, nas lonjuras do sertão.
A viola toca meu coração
no vai-e-vem do passado.
São caipiras e suas cantigas
tristes e ingênuas.
Uma identidade para este
coração emocionado.

MOMENTO

3

Na noite destas recordações
a lua fez-se poesia
clareando minha alma
e minha voz tornou-se canção
de todas as nostalgias.
Lá dentro, a musa amada
convida-me...
a fechar a noite
com intermináveis beijos.



Mineiro de Monte Carmelo, **Eurípedes Leôncio** é formado em Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás. É escritor, crítico literário, poeta, membro da União Brasileira de Escritores, professor de Literatura e colaborador da imprensa goiana desde 1969. O professor Leôncio - como é conhecido - jogou pião, brincou de finca e viu boiadas atravessando a principal avenida de Palmelo. Publicou Dez momentos para o amor, Curso moderno de Literatura e Todos os momentos para o amor.

Hotos

© Paulo Tovar

Paulo Tovar
é poeta e compositor.

Tua essência

MANOEL GOMES



*Tenho inalado teu perfume nos meus sonhos,
Ao tempo que cristalizou no peito o aroma,
Tenho nas noites, te percebido, Madona,
Inspiro teu cheiro que ao das rosas se soma.*

*Tal brisa mansa sussurrando-me um cântico.
A tantos aromas escolhi o teu em milhões,
Tens como as estrelas o brilho, o acalanto,
Inda há de ser santa nas minhas orações.*

*As lembranças dos teus beijos aos colibris,
Ao alado as voltas campeando os estames,
A chover brados raios de sol sobre os campos.*

*Anda discreta, tens provisões de bondade,
Nos grilhões, com a liberdade abençoada,
Ana magnífica flor da dignidade.*



Manoel Gomes, nascido em Igaracy (PB), em 30 de abril de 1967, cursou o ensino básico na cidade natal; concluiu o curso Técnico de Administração no Colégio Carlos Gomes (SP); iniciou o curso de Ciências, na Universidade Brás Cubas em Mogi das Cruzes (SP). Livros publicados: Confissões em cadeia (participação) - Brasília, 1997 e Intersecção entre dois mundos - carta a Joilson Portocalvo - Brasília, 2000.

RENATO MATOS

A palavra como arma
seduzir sem medo

O

circuito

da

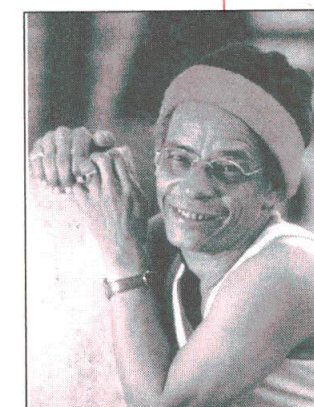
Vaquejada

POÉTICA **AQUI**

É TODO DIA.

*Fonte de luz,
JAZZ E BLUES
Conversa fiada*

A consciência
ecológica, nas
nuvens, mas com
os pés **2** chão



Músico, cantor e compositor, Renato Matos é da primeira geração artística de Brasília. Cantou com Cássia Eller e surgiu no cenário musical ao lado de Renato Russo, nos concertos Cabeças. Autor do clássico e popular reggae "Um telefone é muito pouco", já gravou três LPs e foi recentemente premiado na França pelo CD experimental "Sirig Dum do Além". Tem um livro inédito de poemas construídos com frases e palavras recicladas.

ELS os deuses

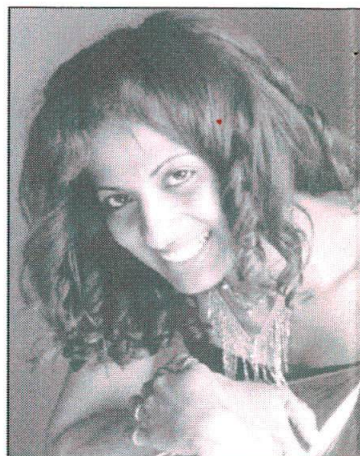
DANI BORGES

Impingiu-lhe, pois, a liberdade. A criatura podia ir. Era a carta de alforria. Estava livre. Eis que a criadora retirou-lhe os tentáculos, destituiu-lhe de suas invencionices. "Liberte-se, recree-se, reinvente-se, vá-se pois de mim", vociferou Nefertiti. "Hoje sou do bem, amanhã sou do mal, depois do bem-mal". A criatura foi ficando previsível. Expressava maestricamente todas as características que lhe foram imbuídas. Cansou. Tanto fazia ir ou não. Que fosse! Que ficasse! Já não havia o que dizer. Dizer o quê? Pra quê? A quem? De que maneira? Se falava com a criatura, era a si mesma que falava. Por que perguntar se já sabia da resposta?

A inventora sentiu despedir-se. Junto com tudo, viu ir embora o homem-verbo, palavra em carne, vernáculo mais-que-perfeito. Era o que mais amava. "No início era o verbo e ele se fez carne e habitou entre nós". (Que heresia!) Um homem lhe doía o corpo. Talvez fosse apenas um verbo masculino. Que palavras eram essas tão férteis, mas que jamais gozavam? Talvez fossem tântricas. A flexão? Tu falas, Eu FALO, Teu FALO nunca rígido, nunca pronto, nunca suficientemente judeu, poesia-desconcreta, falicamente mitificada... Uma CAMA, nunca KAMA, nunca AMA, nunca SUTRA, nunca SURTA.

Chegou-lhe a culpa. É. Entendeu por que a invenção não funcionava. Antes de criá-la, outra deusa já havia inventado o homem-poesia. Era justo o oposto de Nefertiti. Nem mais, nem menos. Diferente apenas. A "oposição" era peculiarmente nórdica. Não era que a sua invenção (de Nefer) fosse boa ou ruim. Nefertiti apenas não podia rascunhar por sobre a criação da deusa nórdica. Os céus se turvarião se o fizesse. Os deuses não queriam. Só agora entendia. A criatura de Nefertiti não precisava de carta de alforria. Porque já era livre, era fiel a sua criadora de fato ou a si mesmo, pelo menos. Procurou, então, por outras bocas que lhe coubessem o seio. Talvez a de Ramsés.

PS: *Meu dramático Kitsch.*



Daniela Borges
é jornalista e faz
pesquisas textuais as
quais denomina "Proesia",
uma espécie de prosa
poética. Está publicando
seus textos pela
primeira vez.

Siomar Rodrigues de Sousa é presidente da Academia de Letras do Brasil Central e tem 28 obras literárias publicadas. Membro do Conselho de Cultura do Distrito Federal, é mineiro de Uberlândia (MG) e membro da Associação Nacional de Escritores e do Sindicato de Escritores do DF.

SIOMAR RODRIGUES

do mundo poesia do

Eu
sou o vento que ruge nos campos
verdes
e nos bosques em flor...
Eu
sou o canto sinfônico dos pássaros
na
solidão das florestas e das laranjeiras...

Eu
sou o perdão que traduz o consolo
aos
aflitos...

Eu
sou a araponga no seu canto fúnebre...
eu
sou o pobre que dorme ao relento
e
come o pão da miséria...

eu
sou a dor, o sofrimento, a felicidade...
eu
sou a brancura das estrelas,
que
dormem na eternidade do espaço...

eu
sou a meiguice e ternura das crianças.

Eu
sou a imagem de Jesus a pregar nas ruas da Galiléia,
Eu sou a vida, meu nome é a poesia do mundo...

Concerto para voz e flauta

PAULA ZIEGLER

*sementes de fogo no peito: canto
estou tão leve voando pela casa
dançando tango com o além e com o silêncio
polifônico este silêncio ladeado de palavras
– vc gosta de vinho? Dionísio?
sentir a lua boba dentro como um balão aceso
o quê?
dentro de meu ouvido de gelatina
existe uma mulher que ri
a mulher febril diante do vazio
do vácuo entre o abismo da incerteza
e o do desejo
se me jogo, para baixo é vôo
uma asa é tua, eu estou no ápice
e não tenho forças para subir novamente
o pão de açúcar da minha vida
de mulher que sonha
asas derretidas pelo sol do ciúme
mas sonho,
mesmo o vôo cego sob a lua
vale mais do que não voar nesse nosso céu*

*sem medo
de não voltar
quero sentir tua alma
quando dorme teu rosto de mil faces
selecionar detalhes dos teus sonhos
para colorir tua vida com Arte
voando sob o luar dos teus olhos
de fauno feito de fogo
cristal ainda líquido
que quase derrama mel
espuma bravia
rosa rouca eu rio
sentindo que valeu a pena
ser mulher sem ser pequena
e ter mantido a alma morena.*

Ana Paula Arantes Ziegler nasceu em Niterói (RJ); é formada em Serviço Social, com especialização em Estudos Africanos pelo Departamento de Ciência Política da UnB. Publicou, entre outros livros, o Contos lúdicos, Haicaístas brasileiros, Ou vida, indicado para o I Prêmio OK de Cultura do DF e Quase – Poesia Erótica, que recebeu menção honrosa no Concurso Bolsa Literária de 1997. Também é pesquisadora de poesia japonesa.

CRISTINA BASTOS

DESAPEGO

*Por um triz
me sustento*

*um vento
me dança*

*voar molhado
delírio da íris*

*os fios
são fortes*

*mas
se partidos*

*alcanço
meu pedaço andarilho.*

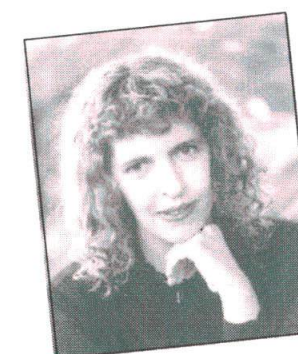
PEQUENA GUERRA

*Não é fútil
minha queda*

se desmorono

*o que cai por terra
é mais que um corpo*

*é uma memória tatuada
de versos de uma época.*



Cristina Bastos nasceu em Minas Gerais, em 1960; mora em Brasília desde 1972. Escreve desde 1975 e tem poemas publicados em diversas antologias e revistas. Atua como poeta, fotógrafa e artista plástica. Em 1992 publicou o livro Decerto o deserto; em 1997 participou do livro Intimidades transvistas. Atualmente aguarda a publicação do seu mais recente livro: Teia.

Ode à seca azul

DO PLANALTO CENTRAL

JOSÉ ROBERTO DA SILVA

Agora, sim
secas ao sol. nada reténs
como palma da mão aberta sob chuva de areias, finos cristais em teu
imenso corpo lançado em ravinas, cachoeiras e esguios tufões

(Aos nossos netos)

ao céu azul, secas
adeus às nuvens y tudo e somente a noite e as estrelas y o pó

Agora, sim. A bela estação da terra
finalmente em si, nomeada como planos planaltos cumes sem gayvotas
ondas de morros sem maresias, repouso ninhos erupções vegetais
horizontal em mim, oculta nas tuas
subterrâneas águas, teus cardumes de argila

tú: cidade mineral, amplamente cega sutil e lemúrica mãe oculta
tú: cidade cristalina.

Não mais o verde, alquimia em sépia y telhados no barro das olarias,
agora: estrela vermelha do Cerrado, aspiro teu perfume

tú: esfera rubra,
úmidos apenas, os pêlos, ao roçar da mão
apenas o sereno nos lábios nos lagos submergidos ao rés do chão
subterrâneos orgasmos, ocultos avessos seios
das águas que te penetraram o verão
y todas as tuas primaveras
y todas as tuas ancas molhadas de suor

não mais os verbos aquáticos, os pingos as poças as enchentes de
correntezas e galhos, penetro
cisternas y açudes águas contidas desvariadas enxurradas
não o florir verdeglamurosas
não o esverdecer, ó sístole pluvial



Isolda Marinho Corrêa de Sousa nasceu em Maceió (AL), em 25 de março de 1961. Mora em Brasília desde 1970. Curso Letras na Universidade de Brasília e fez vários cursos de extensão nas áreas de língua portuguesa. É professora de língua e Literatura Portuguesa.

Feminina

ISOLDA MARINHO

Jorra em mim
a cachoeira suada
mercúrio ardente
rubra enxurrada.

Pende de mim
o fluido corado
secreto e cálido
espesso e molhado.

Esvai-se de mim
a resina oleosa
liquefeito caldo
suco da rosa.

Escorre em mim
o regato mensal
fonte finita
íntima e visceral.

Flui em mim
a livre correnteza
ciclo de fogo
fêmea-natureza.

Corre em mim
o riacho vermelho
sangria sem ferida
sumo da carne
regra da vida.

Chora em mim
o pranto viscoso
fio de dor
rio caudaloso
fluxo-amor.

Ossos do ofício

IVAN MONTEIRO

A cidade guarda mistérios

E delícias

O suor da busca

é o mel da conquista

A cidade é uma mecena avessa

Em plena praça niemyerzada

Destrói a arte

depois o artista

Um baile funk show de rock

festa à fantasia, pagode macumba

A galera não disfarça nem despista

O dedo roça o gatilho, compõe desabafos

o nó na goela impede o beijo

E o desejo é uma pedra de ametista

Valei-me São Tomé das Letras

Dai-me uma rima menos triste

para tristeza que persiste.

Dai-me o norte e o destino dos ventos

Dai-me o peso dos sentidos alertas

E dai-me por fim a leveza nobre dos poetas

Que o espelho é uma porrada na vista

e a beleza que era bela agora é pele ressequida

Osso sem cálcio, drama do ofício:

pensamento frágil

é dentro que fica o cometa e o comício

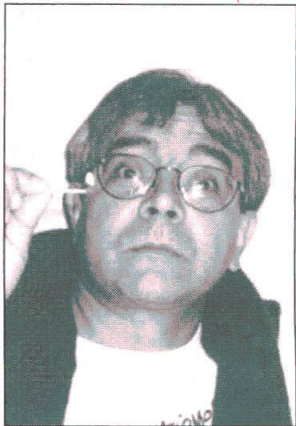
Pensamento besta

deixar o fim chegar antes do início.

pois, então, retornas a ti, à tua própria selvagem desatinada energia
que te fechas, espasmo yang como pálpebras no sono das nossas crianças,
inóspitos dias do estio
naufrágios y avessos,
o de dentro, pré-catedral
y gemas centrípetas dos futuros dias
que me calo em ti, ó planaltíssimos gemidos de amor
que nos rejeitas de ti, amarguradas colinas habitadas de cimento
catarros y meninos nas ruas

à tua incontida rudeza de cerrado y vento e tempestades de poeira
ásperos são os teus tatos
tênues são tuas espáduas de arenitos
agora, sim, secas implacavelmente e desta ausência
crias o desejo oculto das pedras desnudas o doce leito dos regatos,
apenas terra terra e terra

y deste azul circumnavegante esfera cúpula y
abóbodassemi-hemisféricos céus anilados
eu posso sorrir
tú podes amar o chão e olhar para a terra
porque choveste demais neste verão,
ó planalto brasílis tão amado
e me deste tantos beijos e ypês y paineiras alamedas ao meu coração
que sou em ti, mesmo crua
um branco lençol das águas,
gavetas de fronthas claras
guardadas em mim, lágrimas
que são águas
guardadas em ti, saudades
que são pó em forma de vento y silhuetas
que sou em mim tuas pequenas matas
que sou teu pequeno verde ambulante e trago em mim teus horizontes
y todo teu calor trago em mim e toda a sede trago em mim
que sou teus belos olhos d'água que se foram
agora, apenas castanhos sorrisos reflexos nos teus cristais
sob mim, sob o sol te amo como tú és
mina de cristal pedra nua barro construtor
y um coração vermelho brilhando no céu azul.



José Roberto, 55 anos, foi jornalista da Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Estadão, Jornal do Brasil, mas não deixou de ser poeta. Publicou Hora Estancada e São Paulo em parceria com Flávio Maia (SP). Editou com Luís Turiba e Eduardo Mamcaz Textos O e foi um dos parceiros-assistentes da "Bric-à-Brac". Recebeu menção honrosa em concurso de poesias da revista "Ficção". É loucamente apaixonado pela sua cidadezinha natal: Poços de Caldas (MG).

LIÇÃO DE ANATOMIA

RONALDO COSTA FERNANDES

Sou coisa
Algo assemelhado a
lápiz ou vela
que para existir se consome
esgrimindo garatujas ou se queimando
no fulgor das palavras ou na luz suicida
que ilumina enquanto se imola.

O bumbo dos solitários é o mesmo dos eufóricos
geme a mesma voz surda
no compasso do tempo das matrizes.

A tarde
com seu invólucro de nuvens

conspira com vozes na liturgia dos alvoroços.

A vida é um erro:
alguns chegam a ser sentenciados
a oitenta anos de vida.

(Do livro *Andarilho*)

Ronaldo Costa Fernandes
publicou três livros de poesia.
Ganhou os prêmios OK de Poesia
com *Estrangeiro* e o prêmio
de edição da Secretaria de Cultura
do DF com *Terratreme*. Participou
de várias antologias. Também
escreve prosa, composta
por quatro romances, entre
eles, *O morto solidário*, *Prêmio*
Casa de las Américas.
Ganhou ainda outros prêmios:
Guimarães Rosa, *Cidade de Belo*
Horizonte, *Revelação de*
Autor da APCA. Foi diretor do
Centro de Estudos Brasileiros em
Caracas, Venezuela.



Debaldizer¹

SALATIEL RIBEIRO

*Não debaldirei
minhas alusões
elementares
se meu ser-poeta-soluto
dissolver-se
em ser-melancólico-hemorragico,
e o lixo posludiar a festa
e acelerar a perdição
dos meus anos
ao destino do louco...*

*(Quando meu ser-poeta-soluto
dissolveu-se,
meu ser-melancólico-hemorragico
era o desejo
de não ser este
ou coisa alguma!)*

(1) neologia: dizer em vão, debalde.

GUERRA VIRTUAL

FERNANDA LAMBACH

PRIMEIRO ATO

Quem foi que disse que
teu olhar lacrimogêneo
anularia para sempre
meu sorriso paralisante?

SEGUNDO ATO

Estou sofrendo um
ataque nuclear!
Quem não viu
atomizará!

Míssil missed,
miss Universo!
Ogivas me mordam
pelos excessos!

Chinatown contra
vírus de gente!
Coroa de espinho
Cyberspace!

Hackers saem
das pílulas.
Munição insana,
norte-americana!

Gases,
me paralisem!
Bombas,
me lacrimajem!

Sou toda virtual!
Cibernética,
internética,
apoplética,
antiética,
hermética,
cética!

Fernanda Lambach é jornalista e editora do suplemento "Este é meu!" do Correio Braziliense. Escreve crônicas, poemas e contos constantemente, embora nunca os tenha publicado. O poema foi inspirado na guerra virtual entre China e Estados Unidos. Lambach esteve em Nova Iorque, em junho de 2001, para um show da banda irlandesa U2.



"—Dá-me o prazer desta dança?"

SANDRA DAHER

Na transa, ceder-te o corpo,
ao lugar, avivaras-me o senso,
aguçando o sensual-
o toque minava os poros
ao deslize do tango-
carícia mais fina a definir-se
no sensorial limite,
requintado ato a atar-me...

" - O prazer foi meu, cavalheiro!"



Sandra Daher tem formação acadêmica na área de Humanas. Iniciou-se ao piano em sua cidade natal, Ipameri (GO), continuando seus estudos no Rio de Janeiro, onde experimentou posteriormente as artes plásticas. Em Brasília desde 1975, participou de coletivas nessa forma de expressão. Despertou para a poesia em 1984.

H o r r o r

Às mulheres da Bósnia-Herzegovina
que perderam seus homens na guerra
A dor é fina...
Salve, Deus,
as "meninas"
que perderam sua referência
masculina-
das crianças,
a brincadeira astuta,

dos maridos,
além de tanto,
a fruta
E no vazio do amor
em branco
possam elas enrijecer
os flancos
e caminhar para viver
a luta.



LEMBRE-SE

JOSÉ PRATES

Se a energia parecer esgotar-se
E o seu belo ser sentir-se frágil,
Lembre-se de que a minha força
Estará unida a você
Para sustentar sua caminhada
Em qualquer estrada.

Quando o bom humor
Recusar guarida em seu coração,
E o seu semblante
Retratar tristeza,
Lembre-se de que eu conheço
O seu lado alegre
Que é infinitamente maior
E mais bonito
Que a aspereza da vida
E eu desejarei sempre acioná-lo
Para ver você sorrir!

Quando todas as luzes
Se apagarem à sua volta,
Lembre-se de que eu sei
Da intensa luz
Que há dentro de você
E é capaz de brilhar gentil

Como fulgurante chamarada
A iluminar o mundo...

Sempre que eu parecer
Alheio e distante
Lembre-se de que
Jamais estive
Ausente de você!

Se a incerteza
Ousar instalar-se
E tudo parecer acabado
Lembre-se
É aí que eu quero começar
Para você.

E quando a esperança
Houver desistido
De incentivar a aventura da vida,
Lembre-se de que,
Com certeza,
Nesse momento, estarei chegando
Com um abraço
E um mundo inteiro,
No coração e nos braços
Para lhe entregar!

José Antônio Prates é sobrevivente dos chamados anos de chumbo, nos anos 60. Mineiro de Salinas, norte do estado, Prates foi líder estudantil na Universidade de Brasília (UnB). Escreveu livros, como O pirata escarlate, um memorial do exílio. Atualmente, é assessor especial da Mesa Diretora da Câmara Legislativa do DF.



P.S.:

Sempre

Quando você se lembrar de mim

Lembre-se

De que eu estarei lembrando-me de você.

DF LETRAS

meu coração Rosa Passos

meu coração Arlequim

São Renato Matos **regae** por nós

Regina Ramalho Nicolas Behr Cineas Santos orai pro nobis

Maria da Inglaterra Otacílio Mendes Elnora Paiva

meu coração Caloro nesta vida Banda de Bandidos

Salgado Maranhão Sérgio Duboc Gadelha João Baiano Vicente Sá

todo dia é dia da nossa marginalegria

a utopia é de quem acreditar por derradeiro

a utopia é de quem acreditar primeiro

em matéria de gravidez não existe meio termo

se não somos assim seja vire a mesa

Meu coração Plebe Rude não se ilude

Escola de Escândalos Arte no Escuro Nexo Dia D 5 Gerais

BSB-H Artigo 153 Unidade Móvel Eduardo Rangel Banda Trem das Cores

Meu coração Capital Inicial

todos os corações filhos da luta todos os filhos da luta

A vida é domicílio inviolável a vida é domicílio inviolável

a vida é domicílio inviolável a vida é nossossinhos

nossaboca nossacoragem

o infinito do azul é a senha da vertigem

e a vertigem é a senha da viagem

Detrito Federal das paixões meu coração Lenora Lobo

meu coração Maria Bonita meu coração Chico Castro

meu coração Lampião

Camponesa

Camponesa

são meus os olhos de framboesa e o cheiro de abacaxi?

Não ficará medalha sobre medalha dos ditadores de lá

nem dos ditadores daqui

não restará nada dessa gente

Ainda bem que você não se chama Augusto Pinochet

Ainda bem que você não se chama Alfredo Stroessner

Os ditadores estão na lata do lixo da História

Os dita dores estão por fora

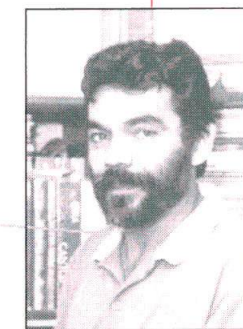
Deles não restará nada nada nada no inconsciente coletivo da memória

Camponesa

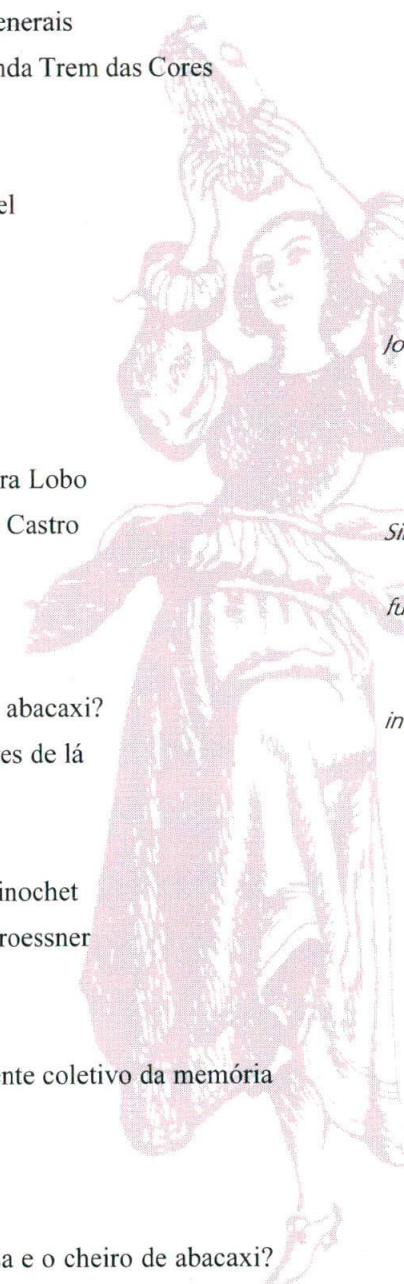
Camponesa

dá-me a boca de cerveja os olhos de framboesa e o cheiro de abacaxi?

DF LETRAS



José Menezes de Moraes é piauiense da cidade de Altos e escolheu Brasília para viver desde 1980. Jornalista, professor, ex-diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no DF e ex-presidente do Sindicato dos Escritores no DF. É um dos fundadores do Coletivo de Poetas, criado em 1990. Tem 15 livros inéditos à espera de um editor "de bom coração".



Domicílio inviolável

MENEZES Y MORAIS

(Pequeno elogio
da rebeldia musical)



udo me leva a ti Camponesa
com teus olhos de framboesa e teu cheiro de abacaxi
Amo em ti esta manhã revolucionária bem Pagu pra lá de Passionária
Manhã de sonhos de marcas de cerveja em tua boca-cereja
e obturações de porcelana

Meu coração Liga Tripa

Meu coração Legião Urbana

Clodo Clésio Climério

paus de arara e suburbanos

Ita Catta Preta Aldo Justo Beirão Jorge Antunes Nonato Veras

meu coração marginal anuncia a primavera

A estrada da saudade é apenas a estação do encontro

e onde existe vírgula leia-se pronto!

Isto não passa de frituras de linguagem

A TV serve a tua ceia a gente ranga tuas metáforas

preparadas em forno de raio-laser com satélites e microondas

Camponesa

Camponesa

bebo em tua sede

banho em tua fonte e persigo os teus desejos

com sobremesa de morangos

Camponesa

Camponesa

quero as amoras dos seios e a Serra da Costela

limites

do ladoce do ser

Camponesa

Camponesa

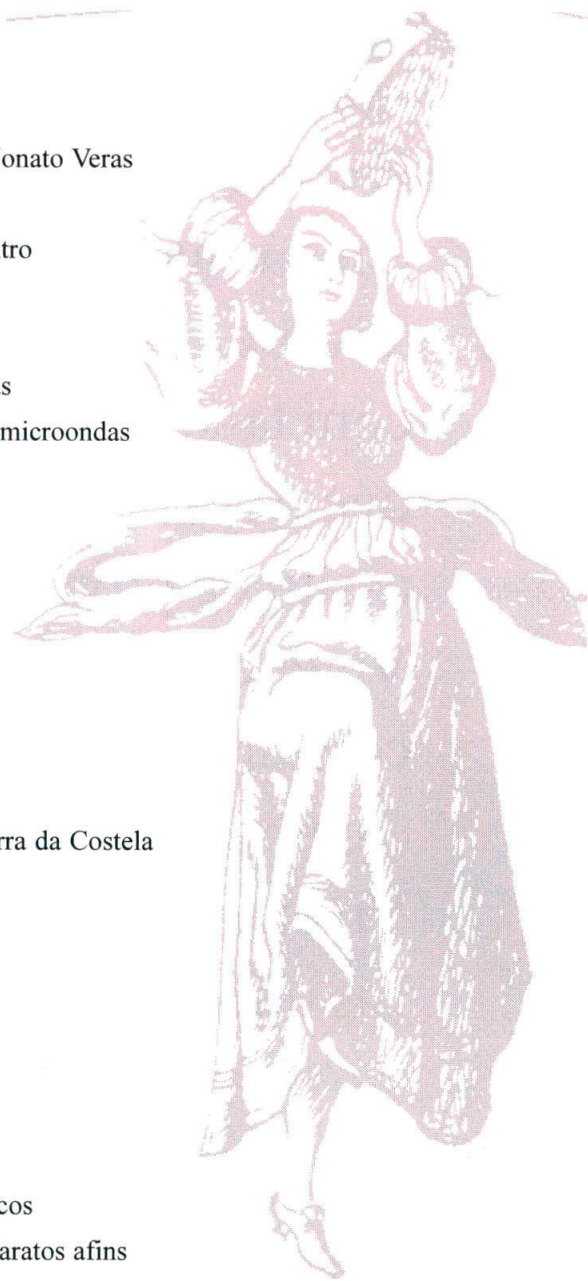
meu coração bóia-fria se delicia

meu coração pingente

delinqüente

Quando não te encontro invento pontes supersônicos

Habeas corpus habeas data mandato de injunção baratos afins



MARIA ABADIA SILVA

Por que ameaçados
A cada momento?
Passado e futuro fluem
Viemos de longe
Gerados por nossos pais e mães

Do mundo subterrâneo

E do mundo acima, onde está Deus

- Que vendas ocultam

a semente da vida?

- O que torna evidente as estações?

A mente e as leis da mente

Escondem-se na noite da existência

Apenas pensamento.

O que me revela?

Portador do meu destino

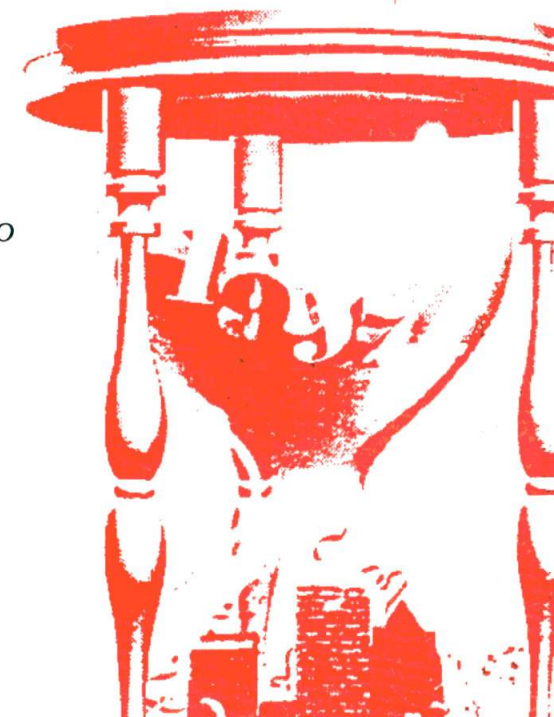
O que me salva diariamente?

Acaso não ter ainda morrido

Me torna mais viva?



Maria Abadia Silva,
ex-secretária de Cultura de
Goiás, é bacharel em Direito
pela Universidade Federal
Fluminense do Rio de
Janeiro. Tem sólida
experiência de 20 anos na
área cultural. Publicou
Espaços, Desamarrio e
Cabeça cauda, ganhando
prêmio Revelação Nacional
de Poesia da Fundação
Banco do Brasil, em 1988.



FIM DA CAVALGADA

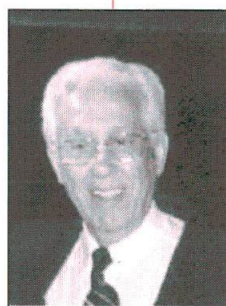
NEWTON ROSSI

Eu vou aos poucos cavalgando a vida,
Corcel fantasioso do destino,
Que é forte e impetuoso na subida
E quando desce, faz do peregrino,

Um triste ator de cena repetida.
A galopar feliz, então, me inclino
Ante a esperança que não foi perdida,
Na doce ingenuidade de menino.

Alado, o meu cavalo vence o espaço,
Querendo e não sabendo aonde chegar,
Até que um dia, farto, em seu cansaço,

Sente acabar a estrada que almejou...
E vê, sem mais ninguém a cavalgar,
Que a corrida da vida terminou.



Newton Rossi é mineiro, poeta e trovador dos bons. Tem livros publicados até no exterior. É figura querida e respeitada no meio cultural de Brasília e do país. Entusiasta da cultura e da revista DF Letras, Newton Rossi ainda acumula a chefia das Relações Públicas da Câmara Legislativa do DF. É defensor intransigente da Capital Federal. Membro de diversas Academias de Letras de Brasília e de outros estados, Newton Rossi tem poemas traduzidos e publicados em vários países.

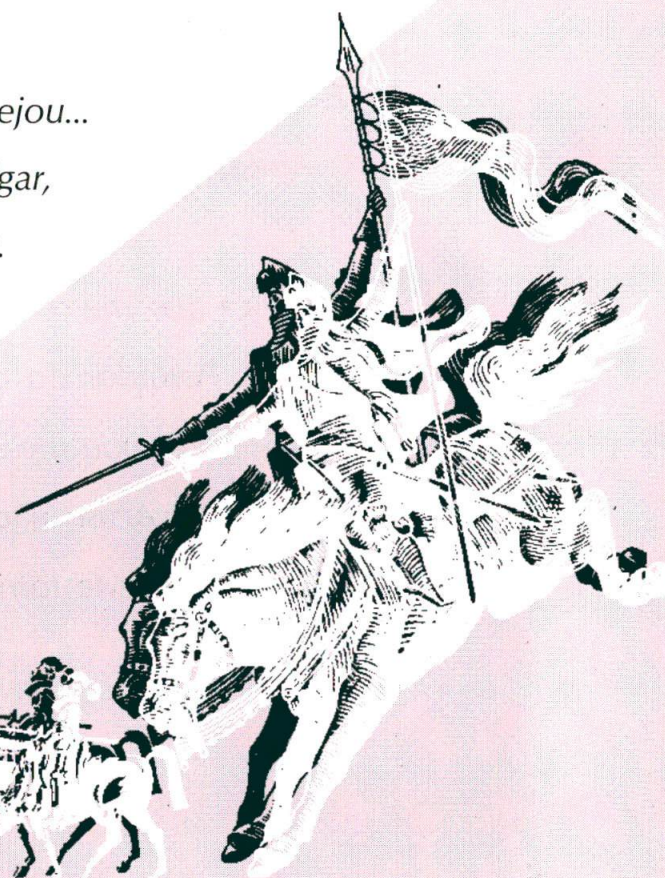
EXERCÍCIO

LINA TÂMEGA



Lina Tâmega Del Peloso é mineira de Cataguases, mas reside em Brasília desde 1958. Publicou *Algum dia e Entretempo*. Foi fundadora da revista "Meia Pataca" (1948/49). Participou das antologias *Poetas de Brasília* e *Antologia dos poetas de Brasília*, organizadas por Joanyr de Oliveira. É professora, tendo lecionado na UnB e na rede oficial de ensino do DF, e conferencista em instituições culturais e universidades do Brasil e de Portugal.

Viver é ser inadvertido.
É uma bem amada fuligem
por sobre o corpo luzente.
Viver é carcaça de pretextos
escrita com palavras de licor.
É coisa que emigra, se solta
em aroma de hortelã.
Viver é tirania que encanta
com tanta força e virtude
que o suor se faz bronze
assim de pronto à luz do dia.
Viver é responder ao infesto tempo
com um enxame de gritos
e com a baba da sabedoria.
Viver.
Eis que me espreita a vida às avessas.



Máscaras

Tenho uma coleção de máscaras:
Para cada ocasião, um papel,
a cada papel, uma composição especial.

Nem sempre muito convincente na interpretação das personagens,
a atuação impressiona pela qualidade das máscaras,
por mim confeccionadas,
durante anos,
nas noites vazias, no vácuo dos dias sem sentido.

Feitas com minha pele e meu sangue,
expressam meu medo e minha impotência,
transfigurados em gestos de gentileza,
suposta cordialidade.

Minhas máscaras
a rebordar meu rosto,
a recompor minha forma,
a repintar minh'alma.
Eu mesma.

Um Deus
estranho
este
que nos
beija
leve
fome
onde tudo
atrás se
rende
sem mentiras
sem esperanças
a
verdade
crua
fome
que
tu
nos
ofereces



Naura Timm é artista plástica e poeta; tem um intenso trabalho de pesquisa com desenho, pintura e linguagem verbal.

Abro meu ventre
te entrego vida
tudo o que pediste
abro meu ventre
te dou em versos
e baladasa peitos
fartos leite tudo
o que é teu - suga
vida - o que te
dou um corpo.

Hoje ativo pra amanhã não ser radioativo

TETÊ CATALÃO



Tetê Catalão, carioca nascido em 1948, é poeta e jornalista e teve a maioria de seus trabalhos veiculados em jornal. Suas obras publicadas são: Abolição da escravidão, editada pela Civilização Brasileira, e diversas antologias. Participou das revistas da contracultura dos anos 60: "Tribo", "Rolling Stones", "Ordem do Universo" e "Órion". Tem trabalhos publicados também nas revistas "Gran Circo Lar", "Há vagas" e "Bric-à-Brac". É idealizador das faixas do Pacotão, bloco carnavalesco, desde seu início. Nos anos 70 fez parcerias com músicos de Brasília (Grupo Portal - rock dos anos 70).



o pior míssil
não estava no vídeo
nem veio explosivo
incendiário por ofício
o pior míssil queimava sem pavio
inodor invisível infame
hospedeiro da ciência hospício
o pior míssil viajava no silêncio
pela sombra
no vácuo da ciência vício
com ele o tal apocalipse
passou a ser espetáculo fictício
o ar
virou
arma
sem mocinho nem vilão
o pior míssil
omissão

DF LETRAS

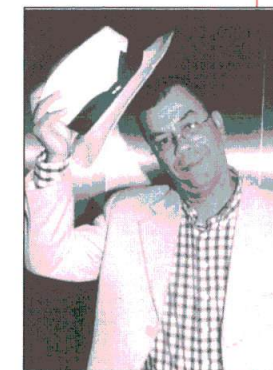
Na gira das girafas

LUIS TURIBA

Como são gostosas as girafas
olham estrelas de frente
conversam nos olhos de Deus
penteiam em plenas nuvens
os cílios de Carmem Miranda
& aquelas antenas a ligá-las
aos desfiles das savanas
são gêmeas das senegalesas
na altura na graça & beleza
as pernas mais altas da África
são retilíneas falsas magras
as curvas cheias de carne
quadris de Naomi Campbell
o andar de Gisele Bündchen
são afro-pop as top models
sacodem as bundas a valer
tão nuas em seus pijamas
de listras lindas & leopardas

Ouvi dizer que elas dormem
dez minutos a cada hora
também pudera, natureza mátria
com aquele pescoço quilométrico

que um dia (ah!!!) vou beijá-lo
um cochilo (ah!!!) descansá-lo.
Assim sendo ofereço-lhes
um espaço de pouca mata
não tão afro como a África
mas confortável & afável
numa posição de vanguarda
aceitem, pois, minha pauta
um convite um xeque-mate:
Venham compridas girafas
dormir em minhas gravatas
o sono de quem lida altas
nada custa, é puro charme.



Poeta e jornalista, Turiba foi criador e editor da revista experimental de poesia e artes "Bric-à-Brac", que encantou Brasília e o Brasil nas décadas 80 e 90. Em 1998 publicou o livro Cadê? com um CD de suas composições e foi o vencedor do Prêmio Candango na área de Literatura. É editor da revista DF Letras.

Velo o peito o teu

Ah! Dorme... e eu velo e sofro.

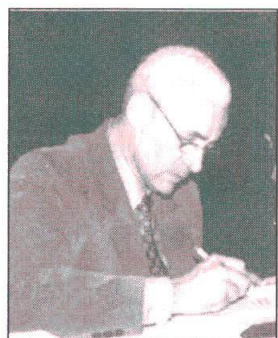
(Alberto de Oliveira, *Poesias*)

Velo o teu peito em sigilo,
no teu sono de sereia,
no arfar do busto tranqüilo
que descansa sobre a areia.

Velo o teu peito, o mamilo,
que arredonda-se... fogueia
quando o toco; ao meu pugilo
cresce, estremece, bateia

dentro à mão. No azul da tarde
transpira... verte... ao sol arde...
pinga o pingo delicado

e aquece, escalda o desejo,
nos toques do meu cortejo,
nas artes do meu pecado.



Antonio Temóteo dos Anjos
Sobrinho nasceu em 18 de janeiro
de 1940, na cidade de Piatã (BA).
É professor universitário e
advogado. É membro do Sindicato
dos Escritores do DF, membro da
Academia Internacional de Cultura,
da Academia de Letras e Música do
Brasil, da Academia de Letras do
DF, da Associação Nacional de
Escritores e vice-presidente do
Conselho de Cultura do DF. Obras:
Da travessura ao travesseiro,
Pentagrama, Insônia vadia, No pó
do cerrado, Na voz das cigarras.

Sobresser



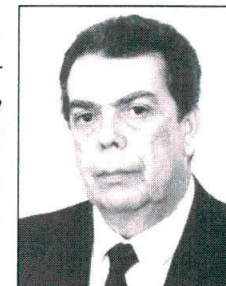
Não chego a ser trezentos e cinquenta,
como Mário de Andrade, nem ecoa
em mim a heteronímia de Pessoa,
mas ser mais do que sou meu ser violenta.

Desbordado de mim, já me apoquento
este excesso de ser, aura ou coroa,
sobrepele, sei lá! - sobrepessoa
que sem tolher meu eu meu ser aumenta.

Aumenta? Diminui, que me embaraça
o olhar, como um reflexo na vidraça,
jogo entre mãos e títeres, engodo

de ser múltiplo sol, mas descontente,
que ardo de não arder completamente,
na dor de sobresser sem ser de todo!

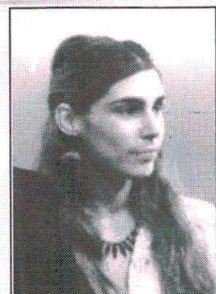
Filho de poetas, **Anderson Braga Horta** é mineiro de Carangola. Jornalista,
redator, assessor de imprensa, foi secretário-geral da Associação Nacional de Escritores e co-
fundador do Clube de Poesia de Brasília e do Clube de Poesia e Crítica. Membro da
Academia Brasiliense de Letras e co-fundador do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal.
Publicou, entre outros livros, *O horizonte e as setas*, *Altiplano* e outros poemas, *Marvário*,
Incomunicação e *O cordeiro e a nuvem*, uma antologia poética.



Praça Norte

BIC PRADO

A praça pára
A praça bruta
Coberta de carros
Quadrado de brita
A praça vaga
A vaga aluga
A vaga passa
Quase de graça
Brita da praça
Sem praça que briga
Nem lua cultua



Atriz e poeta performática, **Bic Prado** é militante das causas ecológicas e defensora da arquitetura original de Brasília. Tem publicado poemas pelo grupo Coletivo de Poetas e participado de recitais poéticos em lugares públicos.

MARTA PERES

O Ainda não arrumei
a estante e o armário
Ã ainda não fiquei
rica e famosa
T ainda não aprendi
a dirigir
E continuo
com esta mania
de escrever
no verso do extrato
da parca conta
do banco traseiro
mais alto
do ônibus
S então
por que
estes olhos
tão grandes???

São para enxergar melhor
o deslizar dos pedestres
ao longo do passeio público



Marta Peres nasceu no Rio de Janeiro em 23/09/68. Passeou por faculdades de Física (UFRJ), Comunicação Visual (PUC), mas acabou se formando em dança pela Escola Angel Vianna. Já foi desde fiscal e professora de balé em São Gonçalo (RJ) até atendente na Justiça Federal. Atualmente, é professora de dança do Hospital Sarah, em Brasília. Participou, com o Coletivo de Poetas, em 1997, do livro *Mais uns*. Publicou o livro *Trinta*, um autopresente de aniversário.

Diante do espelho

Por ser a capital,
Brasília se acha muito importante.
Neste planalto central, nesta amplidão.
De dia, diáfana.
De noite, dinástica.
Árida e quente.
Névoa seca,
de abril a setembro.
E chuva de outubro a março.
Quando de tanta coisa encoberta
claramente não se vê,
não se fala,
não se importa?

*Stella Maris nasceu em
Dores do Indaiá (MG) em
7 de março de 1950 e
chegou a Brasília em 1962.
Cursou Letras na UnB e
concluiu Mestrado em
Literatura Brasileira.
Exerceu o magistério na
Fundação Educacional do
Distrito Federal. É desenhista, pintora e
compositora. Participou de várias exposições e
festivals de música no DF. Escreveu peças
teatrais e atuou no palco, tendo escrito e
dirigido programas infantis nas TVs de Brasília.*



LETRAS

S E Õ Ç A D I D A P I D S

ALEXANDRE MARINO

O uísque lapida o gelo
e nele planta sua alma
o gelo feito água
dá ao líquido outra aura

a água escorre nas pedras
sobre seu corpo e pêlos
presença que desintegra
a água e suas moléculas

ouço o som do chuveiro
sua nudez reverencio
não abro os olhos: o cheiro
de sua alma, luz do dia,
mergulha-me inteiro -
amor, possível utopia.

*Alexandre Marino é jornalista e
publicitário. Nasceu em Passos (MG)
em 1956. Publicou dois livros, ambos
de poesia: Os operários da palavra
(1979) e Todas as tempestades (1981).
Participou de antologias e publicações
culturais e ganhou prêmios literários.*



DF LETRAS

Ave, ludede



**JOSÉ
SANTIAGO
NAUD**

José Santiago Naud, poeta, ensaísta e professor, nasceu aos 24 de julho de 1930, em Santiago - RS. Licenciou-se em Letras Clássicas no ano de 1957, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS, em Porto Alegre. Em abril de 1960, transferiu-se para Brasília como professor pioneiro do ensino médio, vindo a integrar em 1962 o grupo docente que fundou a UnB.

(Lembrando João Sebastião Bach)

I Enquanto o vento roda lá fora
e uma folha amarela bate na vidraça
a candeia ali dentro

flui
uma flor de luz em torno da mesa.
O chantre conversa com a esposa
e brinca com os filhos
enquanto compõe sua música.

Tranquilidade
de fazer o pão para todos
sem estar de candeia às avessas
nem acendê-la para que fique embaixo da cama.
Mais fraterno ainda
o cão se lhe enrola junto das pernas
e ele o deixa assim
um cachorro astuto
prisioneiro do sono e do tempo
como um novelo.

Doce paz
instante dourado
duram
enquanto lá fora desatam-se os ventos
e ruge a destruição

- estremeção do mundo
sem cão nem gato,

rato
roendo a perfeição
enquanto a música enrola impuras dissonâncias
e entre marido e mulher
a candeia incendeia

aqui
mas habita sem tempo
o centro da harmonia.

II Junto à janela desfia uma ave
suas contas de vidro
e o canto que encanta
vai-se fazendo aos poucos pomo do real
agora erguido castelo.
Minha casa desperta docemente
puro despertar

amanhece
em mim
e de repente o sol inunda-me os olhos
enquanto a ave canta contando contas de vidro.
Então é a luz

que quebra a vidraça
e pelo ar
subitamente estilhaçado
no espesso postigo

encanto do canto
tanto quanto a magia do pássaro
aqui trila lá
por trilha indevassada e liberta
segura desse canto e seu voo.

O i è t s i M



**EMANUEL
MEDEIROS VIEIRA**

A memória é nossa matéria.

Mas como lidar com tanto esquecimento?

Algo ainda nos une?

(Os homens em conjunto).

Ainda queremos inventar nossas vidas.

Não, não podemos esquecer:

a memória é a véspera da eternidade.

Os dias consumidos me aproximam de outro mistério.

Carece preparar os rituais do retorno,

bordando a túnica do passado:

moléculas, terra à terra, pó ao pó, ciclos, rios,

pedras: alguma forma tomará o pretérito

feixe de carne, ossos, emoções.

Emanuel Medeiros Vieira nasceu em
Florianópolis (SC), a 31 de março de 1945.
Formou-se em Direito (1969) pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Granada no peito

*Dale limosna, mujer,
que no hay en la vida
nada como la pena
de ser ciego en Granada.*

(L. A. de Icaza)



Goiana de Ipameri,
Angélica Torres Lima é
poeta e jornalista
especializada em
educação e já publicou
três livros de poesias:
Sindicato dos
estudantes, Solares e
Paleolítica. Também
publicou Koikwá, um
buraco no céu, um livro-
relato sobre sua
experiência com tribos
indígenas.

Uma explosão em meu peito
e cá estou nesta cidade

cercada pela Serra Nevada
só e desolada, por desamor
sem pena, devastada,
cega de tristeza e dor.

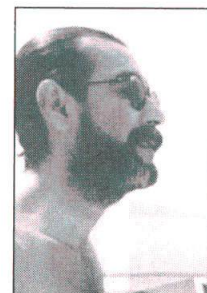
Tento enterrar esse amor
no Jardim dos Sete Selos
e não encontro um lugar
que se me ofereça.

Vou afogá-lo na correnteza
das águas que atravessam a fortaleza
e se recusam a recebê-lo.
Empurro-o das Torres de Alcáza
e paira como pluma no céu de seda
azul-turquesa.

Por que não morre, amor,
pergunta, cansado, meu coração
já quase todo incinerado.
E responde-me, atrevido,
o vento doce que desliza
por entre os Palácios de Nazáries:
“Porque o amor vive para a eternidade
mesmo que não mais te queira amar o teu amado”.

Língua viva

CARLOS HENRIQUE



Carlos Henrique de Almeida Santos é
baiano, radicado em
Brasília desde o início
dos anos 60. Formou-se
como advogado pela
UnB, mas sempre foi
jornalista. Andou o
mundo como repórter
político de O Estado de
São Paulo, “Veja”, Rede
Globo e SBT. Foi porta-
voz da Presidência da
República na
redemocratização.

Um certo dia de fim de primavera
no campus da Universidade de Lisboa
a jovem professora de literatura
portuguesa até a raiz dos pentelhos
deu-me cá um puxão d’orelhas.
Considerava “absurda, afrontosa até
a liberdade com que os brasileiros
trafegam nos espaços semânticos
da nossa língua-mater”.

“Você ainda não viu nada...”

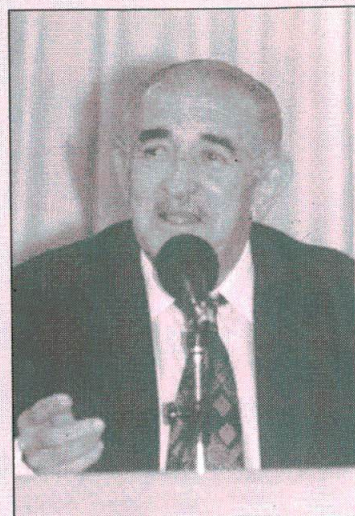
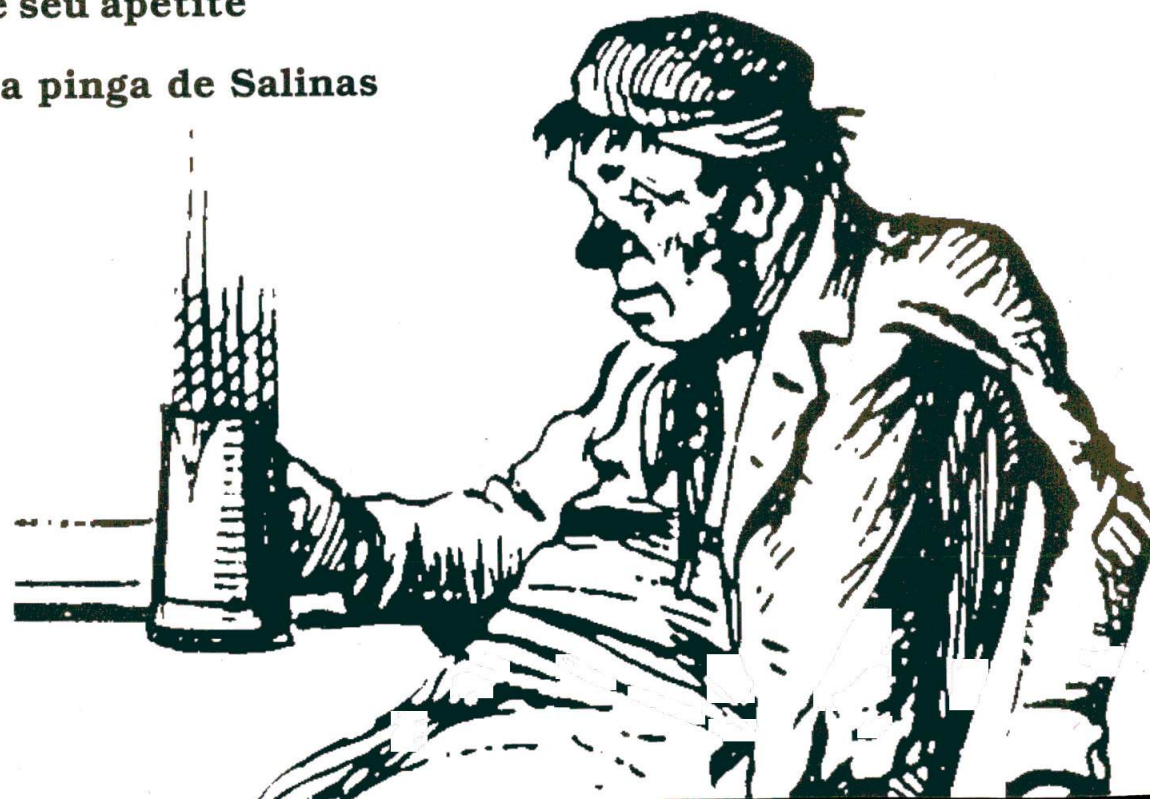
- cochichei-lhe ao pé do ouvido
em defesa das nossas cores
odores e sabores lingüísticos.

MOACIR DE OLIVEIRA

PINGA DE SALINAS

Como esta galinha
E nada lhe será melhor
Que devagar comê-la
Mesmo que o molho respingue
Na camisa ou na toalha da mesa

Esqueça-se de outras paixões
Esqueça-se mesmo de Minas
E desperte seu apetite
Tomando a pinga de Salinas



Ocaso burocrático

*Para Clemente Luz
(foto)*

Do esforço pouco resta
Senão ele mesmo e seu traço
Risco gravado na testa
Marca de ausência e cansaço

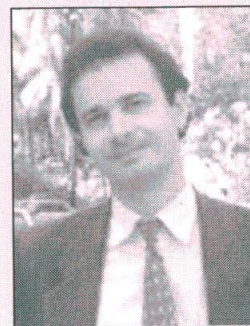


*Escuto o meu rio:
é uma cobra
de água andando
por dentro de meu olhar.*

Manoel de Barros

RONALDO CAGIANO

SO(M)BRAS



Ronaldo Cagiano
nasceu em Cataguases
(MG), em 15/4/61.
Reside em Brasília
desde 1979. Formado
em Direito pela UDF, é
funcionário da Caixa,
atualmente cedido à
Câmara dos
Deputados. Colabora
em diversos jornais do
Brasil e exterior,
publicando artigos,
ensaios, crítica literária,
poesia e contos, tendo
sido premiado em
alguns certames
literários. Obteve 1º
lugar no concurso Bolsa
Brasília de Produção
Literária 2001 com o
livro de contos
Dezembro indigesto.

Vejo o rio que corre
em Cataguases
- é o mesmo vário rio
que (es)corre em mim:

educando-me pelas encostas
com lições de cheias
e úmida cartilha de enfados.

O exemplo da água que f(l)ui,
com sua impessoalidade e inconcretude
crava-me um sertão nas entranhas.

E um acúmulo de pedra nas vísceras
embrenha na alma tantos eus.

Essa sombra, essas sobras
bóiam indigentes, como um feto
em placentária
clandestinidade.

Terra nossa, céu para todos

TÂNIA ROCHA

O gado lembrava
A terra não dividiada
Tinha mais osso, do que carne na vida
Olhei para meus filhos, agonizando na fome
Olhei para o alto e disse: "Meu Deus, como é egoísta,
O bicho homem..."
Quanta terra neste Brasil, neste Nordeste de "ninguém"!!!
Por causa deste egoísmo, a desgraça vem
Agora é racionamento de energia
O grilo não canta mais
Vou lutar pela reforma agrária
Com fome voraz
Não quero ver meus filhos passando frio
Quero sair dos acampamentos
Quero um pedaço de chão, chega de sofrimento...
Eu lembro de minha avó
Dizendo que na Bíblia estava a verdade
Moisés com aquele povo, no Egito com vontade
Deu exemplo a Josué e Calebe e chegaram na terra prometida
Tomaram posse da terra, pois Deus estava com eles
Na jornada, na luta, na fome e na sede
É preciso andar no deserto para tomar posse da terra
Que mana leite e mel, apesar das sequeias
Não desista, trabalhador,
Quando cansar olhe para os céus
De lá vêm misteriosas forças
Mas, lembre-se que aqui é tudo passageiro,
Nem tudo é fel, nem tudo é mel
Nem boiada, nem dinheiro, nem terra para lá vamos levar
Entrega teu caminho ao Senhor que o mais ele fará
Terra aqui e lugar para tua alma tu terás
Lá não tem carabinas, nem latifundiário
Só amor, paz e alegria
E um rei libertário
Que dá a terra pra quem crer no seu caminho e não nos
Atalhos...



Tânia Rocha
é jornalista. (Este
poema fará parte
do livro O doce-
amargo.)

VALDIMIR DINIZ

ME DÁ O TOM

- O tom** reinante musical dançante de que qualquer coisa alucinante se mostrara mais adiante
- O tom** eufórico discursivo gongórico de que o passivo é retórico e ativo é o militante
- O tom** caudaloso prevendo um futuro perigoso faz do permitido o audacioso e todos vão em gozo
- O tom** escaldante de que a praça é excitante com o toque mais brilhante da guitarra dissonante
- O tom** delirante do novo com o governante no lugar do povo e o povo sobre as costas do governante
- O tom** revolucionário do malandro devolvendo pro otário o que lhe roubou do salário
- O tom** sexual da política com o corpo te põe de borco na trama de que é bom de cama
- O tom** mágico de que clic clac vapt vupt é tudo um truque vai tudo bem para quem usar o muque
- O tom** caótico gestual exótico de que o país é um pórtico gótico e que tudo mais é um golpe ótico
- O tom** paternalizante da possibilidade adiante com a capacidade da formiga e a sutileza do elefante
- O tom** carismático de que se pode num átimo sobre o povo asmático dos trópicos ao ártico
- O tom** sutil que ninguém viu na puta que nos pariu nesse país com céu de anil

"Valdimir cabeça de leão e um passarinho em vez de coração". Essa definição de Valdimir Diniz, um dos mais importantes poetas de Brasília da década de 70, morto tragicamente em meados dos anos 80, é do seu irmão-em-poesia Carlos Henrique. Para o escritor Fernando Sabino, ele foi "uma das mais completas expressões de poeta da sua geração. Ele vinha a constituir uma das mais preciosas espécies de poetas existentes neste mundo: a daqueles cuja poesia não nascia de sua inteligência privilegiada, mas vinha aos borbotões diretamente de seu coração".

Tudo isso de repente tudo isso simplesmente

Futura saudade

PRESS ENTE

perco às pressas
pelo dia
frases soltas
de quem fui
de quem seria

pensamentos
se despregam
soltos, soltos
me esvaziam
passam em ventos

folhas soltas
noticiam
passamentos

Maria Maia,
escritora e artista da
imagem, vem
publicando poemas em
antologias como Mais
uns, Espelhos da palavra
e Entre séculos. Um dos
seus maiores prazeres
estéticos é filmar,
documentar e editar
suas imagens. O vídeo
faz parte da sua
linguagem.



cheia da terra subo sem véus ao paraíso
o desejo expande a alma na morte
mas não há corpo no céu

cheia de Deus no céu nacarado
os sinos, os coros, a perfeição me esbulham
falta-me o corpo da palavra impura

a saudade invade a alma descarnada
cheia da terra e de Deus
cheia de Nada

Quassação

um traço de vagueza pende rude
sim, não: sou esférica incerteza áspera de espera
"a essência das coisas ama ocultar-se"

para melhor extraí-la vou quebrar-me:
quebra-pedra,
jejum, verso, quebranto

sou o que pude
tudo em que me desmancho
rio que corre para nenhum canto
Beatriz sem paraíso
emblema borgeano
obscuro em desencanto

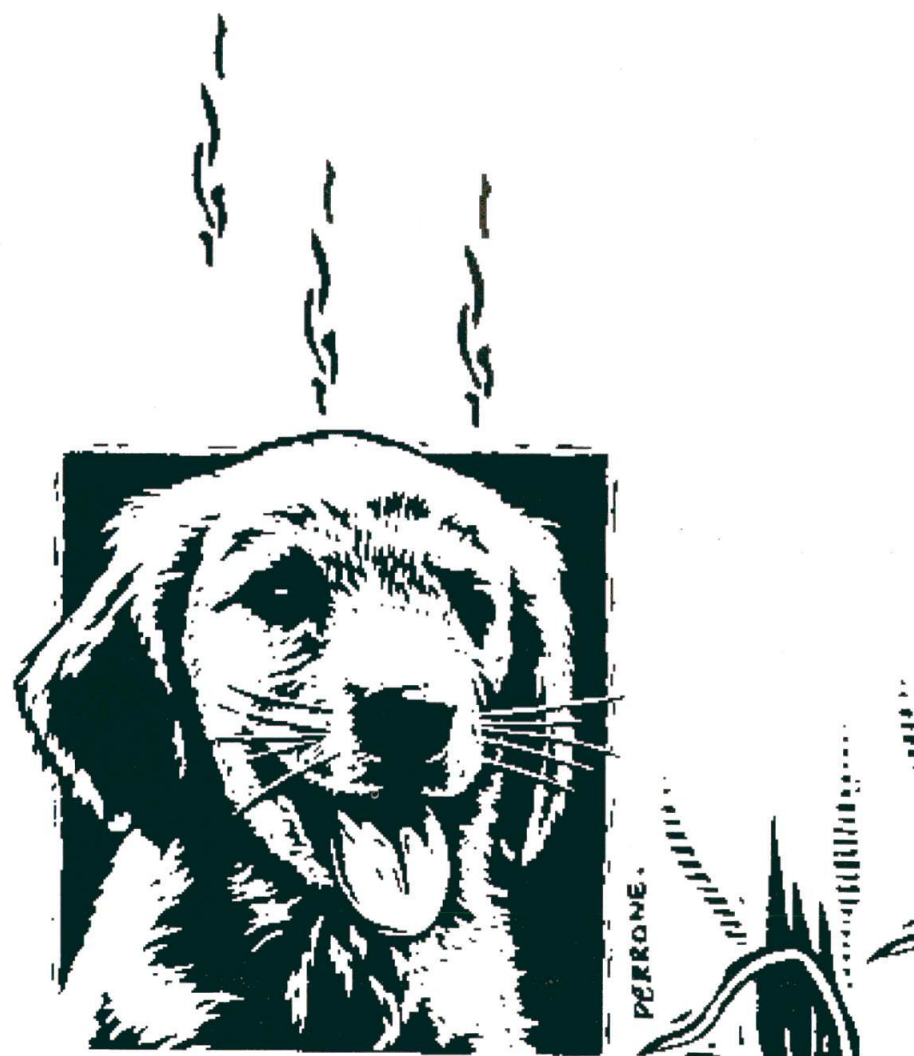
horro sobre a grama

(Do livro
Olhos de
bandido)



Proibido fumar o cac

Eudoro Augusto publicou seus primeiros poemas no jornal Correio Braziliense, ainda nos anos 60. Publicou vários livros, como O misterioso ladrão de Tenerife, A vida alheia, Dia sim, dia não, Carnaval, Cabeças e O desejo e o deserto. Publicou, em 2001, o livro Olhos de bandido, de onde foi extraído o poema "Placa". Ainda permanecem inéditos os livros As narinas de Afrodite e Clarabóia.



DINA BRANDÃO

Hoje te libertarei
Do meu amor que te escraviza
Te darei carta de alforria
Para que a presentes
A quem tu queiras amar
Sem a sombra triste do meu amor
Que ficou sem par.
Em nome do Amor
Abro mão do meu amor
Que te persegue e me aprisiona
Que te destrata porque não te tem
Me maltrata, me mantém refém
E carcereira
De um amor que me tortura e te quer bem
E como loucura busca em ti
Um amor que por mim tens.

Hoje te libertarei
Do meu amor que te incomoda
Te pedirei em troca
Um carinho fingido
Um beijo de cinema
Um abraço demorado
Um bolero como tema
De um amor apaixonado
E quando acabar a cena
Daremos o último trago
Do meu amor viciado
Bebamos vinho!!!
Brindaremos a liberdade
Embriagarei minha vontade
Reinventarei meu caminho
Herdarás o meu silêncio
E o eco de minha alma agora ímpar
Sussurrando com o vento:
Te amo
Te amo
Te deixo
Te esqueço
Me encontro.



Dina Brandão, nascida no Rio de Janeiro na década de 50, chegou a Brasília no final dos anos 60. Seqüestrada de seu habitat natural, acabou se adaptando à falta de praias e esquinas. Autora de dois livros inéditos, um de poesias e outro de cartas sem destinatários, todos guardados na gaveta da memória, procura um editor forte, bonito de alma, portentoso e inteligente, que queira publicar seus delírios. Atriz de teatro, sempre sonhou em fazer cinema, esperando que um Almodóvar a convide. Enquanto isso, vai fazendo intervenções poéticas pelos cantos da cidade.

LONTRA

A textura de tua epiderme
anágua de alumbramento

Seios do onírico

Um pássaro impávido
empalhado na escrivaninha

A inquietude do sábado
deglute bolinho de primavera
signos de um ideograma poundiano

Você também Lontra
um gol anulado
sexy lady das sextas
um incenso na omoplata

A paixão rabisca
a gramática do corpo impresso
Bêbedo de amor
trituro a couraça da madrugada

Adoro o teatro do teu umbigo...

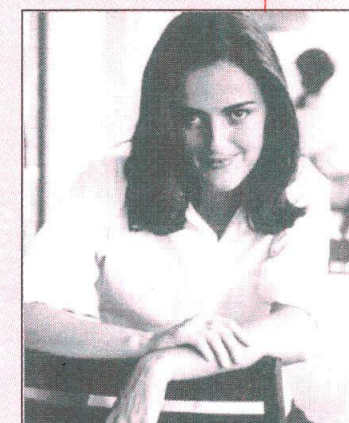
José Edson dos Santos é professor, poeta e contista. Nasceu em Macapá (AP) onde estreou, em 1972, com o livro Xarda misturada, em co-autoria com José Montoril e Ray Cunha. Em 95 publicou Bolero em noite cinza (poemas) pela Da Anta Casa Editora. Participou de diversas antologias de poesia - Poemas - e de contos, sendo premiado nesta categoria em vários concursos do Sindicato dos Professores no DF.

O QUE É FÍSICO JÁ NÃO É MATEMÁTICO
VEJO A LEI DA NATUREZA AMEAÇADA
PORQUE TUDO MOVE SE NÃO FAZES NADA
E SE FAZES, EIS O MUNDO TODO ESTÁTICO.

EU QUE TINHA NA RAZÃO UMA ALIADA
ERA A IMAGEM DE UMA DONA COMEDIDA
RESTO AGORA UNHAS, DENTES E SALIVA
COMO UM BICHO, DE CIÊNCIA ATROFIADA.

MAS O MEDO, AH, O MEDO É INSTINTIVO
É É POR ISSO QUE ME ESCONDO, QUE ME ESQUIVO
PRA QUE NUNCA ME DESCUBRAS FRACA E BOBA.

SE A MULHER QUE EU ERA ANTES TE ATRAIU
FINJO AINDA PODER SER FRIA E VIL
COMO OVELHA SOB A PELE DE UMA LOBA.



Angela Brandão é mineira, de Juiz de Fora. Chegou a Brasília nos idos de 1997 para exercer o jornalismo, profissão que hoje exerce na TV Senado. A paixão pela literatura vem de longe, da infância mesmo. Só que essa paixão foi roubada pela música. Poetisa inédita, agora lida mais com a arte de escrever letras e músicas.

AMNERES

DEUS

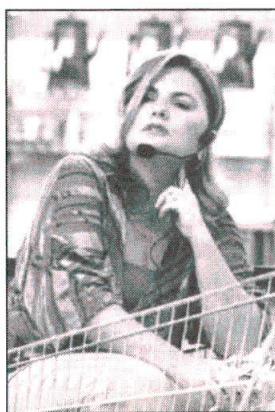
(do livro *Razão do Poema*)

Por que sexo
Parece morte?
Por que gemidos de amor
Acendem dor,
Sons guturais,
Caos, ais?

Por que vento faz sonhar?
Por que içar velas,
Alçar vôos,
Partir?
Por que ímpar,
Quando o amor é par?

Por que ir
Nos traz ficar
E estar, seguir?
Por que devanear,
Desesperar-se
Com o que há de vir?

Por que cair,
Negar, temer,
Se há que morrer,
Se há que não ser
Para ser,
Se a eternidade é o fim?



Amneres, diz o poeta Ronaldo Cagiano, "vem de uma experiência poética de longa data, já reconhecida nos meios literários de Brasília com um trabalho que cresce a cada nova safra. Em seu quarto livro propõe, em meio ao tumulto das paixões humanas e das contingências da vida moderna, uma leitura feminina (e não feminista!) das tensões cotidianas, na busca do sentido da vida. Por isso a Razão do Poema, que dá título ao livro e coloca a existência como metáfora.

RUGAS

(do livro *Rubi*)

**O tempo não pára
vai como enxurrada
marcando o caminho
talhando a risada.**

ÊXODOS

(Inéditos)

Perigo no escuro
Perigo nos guetos
Perigo nas sombras
Habitando os becos

Perigo nos olhos
Velados de medo
Na fome, na fome
Roendo o sossego

Perigo no escombros
No sonho desfeito
Na dor do abandono
No tiro no peito.

O lençol

DEBORAH CAMPOS

O lençol é o lar dos amantes
O lençol é o luar dos amantes
Lençóis são ribeiros nos campos
Lençóis são velas nos barcos dos amantes
Velas brumas, sonho no céu
Lençóis lençam
Lençóis linguam

Lua cheia
Lençóis na varanda
O amado se foi

Lençóis na varanda
O amor partiu

Lençóis são línguas de algodão e seda
Para os corpos dos amantes

Voluntas barrocas
Voluptuosas camas levitam

Lençol lince luar
O mar dele sou eu

Branços lençóis
Pureza original da terra

À terra lençóis aparam
Crianças em redemoinhos
Que como anjos levitam

*Deborah Campos
é formada em Letras e
mestranda em Literatura
Brasileira pela UnB. Publicou
versos na DF Letras e ama
Pirenópolis, sua fonte
inspiradora.*

Outros mares

CLOVIS SENA



Clovis Sena é jornalista, poeta premiado e crítico de cinema. Escreveu, entre outros livros, o Fronteira Centro-Oeste, onde aponta em 300 páginas a possibilidade de o Centro-Oeste passar a ser o novo Eldorado brasileiro.

Mare Nostrum agora é o Atlântico
apelidado também Mar de Sargaços
águas para onde aquela Rainha
de Cartago
determinara aos da esquadra
navegassem ainda para lá das Colunas
e além
e às partes meridionais
municiados de olhares-sondas
mesmo de frente fundo e perfil

nesse verdadeiro
mar bem mais
nesse mar e perante suas nações
a embaixada celebra tratados
até lá pelas praias
na oriental orla ocidental

ilhas de solo apto
solo-útero à vida.
sol-da-manhã
enseadas e porto natural
peixes de fúria apascentada
águas limítrofes
e as águas nas rotas de passagem
onde laçam-cavalgam-se baleias
dança-se galope à beira-mar

no balé sobre a
crosta da Terra
canta e sobrevoa e labora
a gralha azul -
esse pássaro tirou patente
assumira-se plantador de árvores



Vergonha

“O horror de todo mundo ser privilegiado
é a tristeza de já não haver privilégio.”

Luís Carlos Lisboa

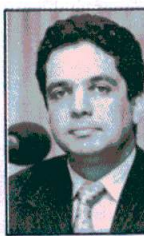
GISELE LEMPER

Isso realmente é uma vergonha!

Gritou o cacique brasileiro para o Papa
João Paulo Segundo, quando de sua visita
ao Brasil, na frente das câmeras de televisão.
Desabafou: - É uma vergonha a falta de respeito
pela vida dos indígenas, clamou o índio comovido.
Desesperado, contou com o socorro da divina
intercessão, providencial, para seu povo vermelho,
guerreiro, acuado nos aldeamentos, terra
de ninguém, casa da mãe Joana.
Vítima do preconceito mais violento, à mercê
da covardia dos invasores, com suas armas
sofisticadas, missionárias, intolerantes.
Berço de uma raça condenada ao extermínio
da sua cultura, suas tradições, a essência
espiritual que ensina liberdade e reverência.
É uma vergonha - desabafou o índio
sua indignação para o Papa, via satélite -
e nós apenas assistimos, sem interferir.
Porque, infelizmente, sabemos muito bem
que a sujeição à violência e a insegurança,
hoje em dia, em qualquer lugar do mundo,
não é privilégio de ninguém.



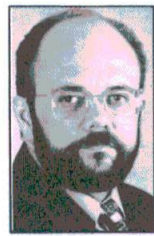
Gisele Lemper, carioca, leonina, autodidata, atriz. Reside em Brasília desde 1961. Escreve e faz teatro desde 1964. Tem um livro editado em 1999, produção independente, com o poeta Marcos Pacheco: DUO, confluência de sonhos, onde publicou os poemas do livro Estrela do Oriente.



**Benício
Tavares**
PTB

Ao analisarmos a questão de Brasília como

Patrimônio Cultural da Humanidade, observamos duas posições: a dos que não concordam que a cidade fique numa "cristaleira" e a dos que entendem ser essa a única via para preservar a qualidade de vida da população. Brasília, como cidade planejada, transbordou das pranchetas de seus criadores por força de corrente migratória e do peculiar processo de adaptação de seus habitantes. Nesse contexto, temos de ter bom senso e equilíbrio para garantir o título de Patrimônio da Humanidade, sem perder de vista a administração de seu crescimento e desenvolvimento. A Câmara Legislativa é o fórum ideal para discutirmos tais soluções, sem deformar o arcabouço que presidiu sua criação.



**Chico
Floresta**
PT

A defesa da qualidade de vida da

população do Distrito Federal sempre foi uma de minhas maiores preocupações. Nossa cidade está em risco de perder o título de Patrimônio Histórico, em decorrência das ações que comprometem seu ordenamento urbano e lhe provocam sérios danos ambientais. Medidas que alteram a destinação de áreas sem o devido estudo de impacto ambiental e demográfico acabam por descaracterizar o projeto urbanístico de Brasília. Não podemos enxergar a cidade somente no presente. Devemos pensar no futuro que deixaremos para nossos filhos, nosso maior patrimônio.



**Gim
Argello**
PMDB

Brasília é um bem cultural. De ponto isolado e

ermo do Planalto Central, em 1960, ela deixou o provincianismo e ganhou o perfil e a responsabilidade de abrigar o centro das decisões nacionais e acalentar os ideais dos migrantes. Sem exageros, podemos dizer que essa atraente senhora de 41 anos hoje avança no sentido de aglutinar empreendimentos, contribuindo para a efervescência de toda a região Centro-Oeste. Mas há uma indagação no ar: como fomentar o crescimento de Brasília, sem, no entanto, ameaçar-lhe o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade? Construí-la foi um ato de coragem, mas preservá-la é um ato de sobrevivência. Essa é a nossa missão.



**José
Edmar**
PMDB

Embora alguns tecnocratas e pessimistas de

ocasião digam que Brasília é isso ou aquilo e que pode perder o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, o mundo todo pôde constatar, por meio da ONU, que por aqui nem tudo está perdido. A cidade continua preservada, graças ao empenho de seus governantes e idealizadores. No auge dos seus 40 anos de existência, Brasília já aprendeu a conviver com os problemas, adaptando-se à realidade dos seus habitantes. Seu destino é o crescimento. O padre Dom Bosco sonhou com uma terra no Planalto Central que jorrava leite e mel. Essa terra é Brasília, e disso ninguém pode duvidar.



**José
Rajão**
PSDB

Muito mais que a implantação audaciosa de

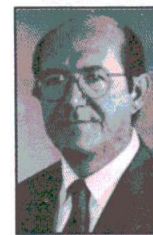
uma capital em pleno Planalto Central, Brasília foi projetada e planejada como modelo para servir de exemplo a um país em desenvolvimento, com previsão de 500 a 700 mil habitantes para o ano de 2050. Mas Brasília cresceu e hoje ultrapassa os 2 milhões de habitantes. Isso é algo que me preocupa, porque penso no bem-estar da população. É preciso instalar bem seus habitantes e dar-lhes segurança. A cidade tem personalidade impar, fruto do urbanismo moderno, de força incontestável. Como deputado distrital, meu compromisso é assegurar cidadania a todos. Vamos pensar nisso!



**José
Tático**
PSD

Somos construtores de sonhos, sonhos

idealizados pelo eterno presidente Juscelino Kubitschek, os quais hoje devemos preservar como a melhor herança. Brasília foi a mais arrojada obra de urbanismo e arquitetura em âmbito mundial do século XX e tornou-nos conhecidos como patrimônio histórico. Mas muito além de obras, espaços, palácios e esculturas, o valor de nossa jovem cidade está em ser politizada e ser palco de manifestações nacionais que decidem os rumos da sociedade brasileira. É nesse contexto que estamos inseridos, deputados distritais desta Casa de leis. A JK coube o sonho de idealizar e concretizar Brasília. A nós, cabe o sonho de trazer emprego, saúde, educação, cultura e cidadania aos brasilienses.



**Wasny
de Roure**
PT

O fato de Brasília ser Patrimônio

Cultural da Humanidade veio consolidar nosso potencial artístico e cultural, fazendo do projeto original do Plano Piloto de Brasília exemplo do urbanismo contemporâneo, projeto vivo de uma cidade-jardim, transcendendo fronteiras, levando nossa cultura urbanística ao resto do mundo. Assim, nossa capacidade criativa tem sido reconhecida e respeitada. Entretanto, vários fatores estão ameaçando essa condição e colocando em risco o tombamento de Brasília. A conscientização da sociedade talvez seja a única forma de redirecionar as ações que colocam em risco a preservação de nossa capital. Que cidade queremos para nós e nossas famílias?

**Participe
das votações
da Câmara
Legislativa.**

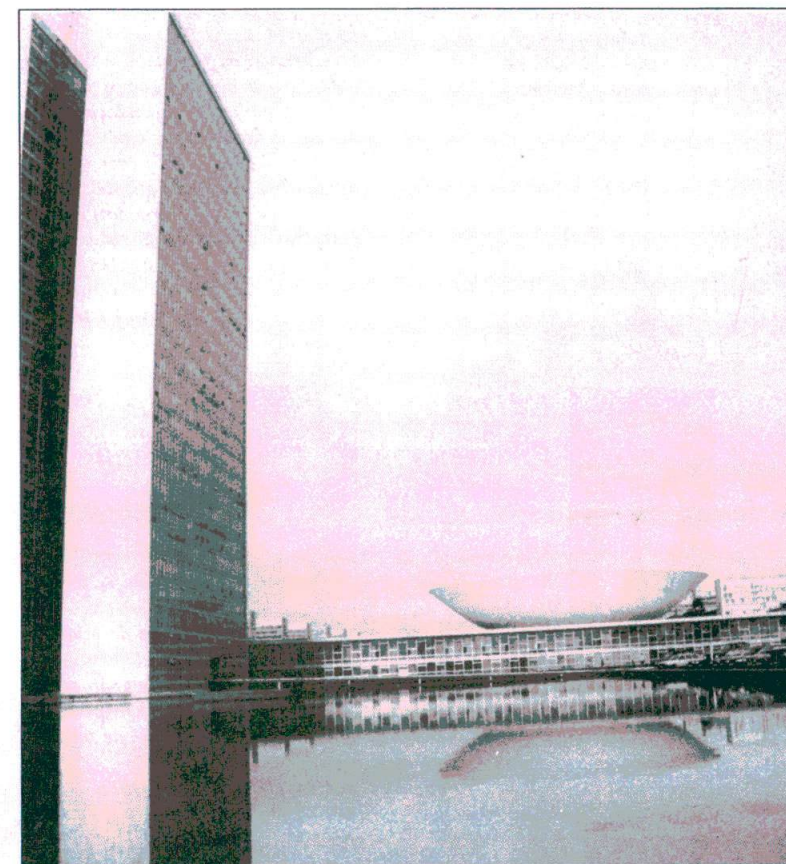
**Visite nosso
plenário.**

DF
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

ENCARTE DA DF LETRAS
CÂMARA LEGISLATIVA

Ano II nº 10

Brasília



Patrimônio cultural da humanidade

Brasília, nosso Patrimônio Cultural

da Humanidade – título concedido pela Unesco por fazer parte de um reduzido grupo de cidades –, é uma cidade de todos os brasileiros, poética, mística e madura, fruto de trabalho, poder e esperança.

Mas, entre tantos sentimentos emanados pela sociedade, há um clamor de preocupação em torno da preservação de Brasília. Discute-se com dinamismo os rumos futuros da capital brasileira. Nada mais justo e democrático do que os cuidados da população e de suas lideranças com a cidade onde vivem. Todo projeto político, social, ecológico, urbanístico e cultural, em Brasília, deve ter como principal objetivo melhorar a qualidade de vida da população sem, no entanto, desfigurá-la.

A Câmara Legislativa do DF passa a ser o centro dos debates sobre a preservação de Brasília, como patrimônio cultural da humanidade. Afinal, vivemos em uma das cidades mais lindas e fraternas do planeta. Brasília não pode ser degradada, descaracterizada, desarmonizada. É uma obra-prima arquitetônica e que possui uma equilibrada convivência social. O traço mágico de Lúcio Costa e as curvas dos palácios construídos por Oscar Niemeyer são importantes matrizes da cultura brasileira que nosso povo orgulhosamente aprecia.

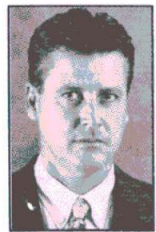
Mas a importância da nossa cidade não é somente estética. É acima de tudo social e econômica: Brasília passou a ser um centro de desenvolvimento de toda a região Centro-Oeste. A sociedade brasiliense alcança neste início do século XXI a maturidade das grandes metrópoles do mundo sem, no entanto, perder o vigor de uma cidade jovem sedenta de novas conquistas.



César Lacerda
PTB

Brasília nasceu para brilhar. Prova disso é que nenhuma cidade

conquistou tão cedo o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Construída para abrigar a sede do poder, a nova Capital da República conseguiu muito mais que isso, pois, diferente do que desejavam seus idealizadores, tornou-se uma cidade viva, pujante e despertou em seus moradores o amor por sua revolucionária concepção urbanística e arquitetônica. Cheguei em Brasília em 1957. Sou pioneiro de primeira hora. Portanto, devo dizer que tenho orgulho da cidade que ajudei a construir e que jamais aceitaria qualquer tipo de agressão contra a sua concepção original. Brasília é o exemplo vivo da capacidade humana de construir o belo. É a amada que nos despe o lençol da alma e abre as janelas de nossos olhos para que possamos vislumbrar suas curvas suaves espalhadas harmoniosamente pela imensidão do Planalto Central.



Rodrigo Rollemberg
PSB

Leve, bela e simples, como a vida tem que

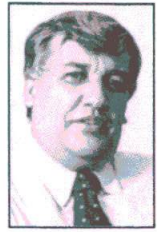
ser... Assim é Brasília, que nos ensina a difícil lição da humildade, espelhada no traçado preciso, na arquitetura não ostensiva: concreto, ferro e... asfalto! Eleita, tão jovem, Patrimônio Cultural da Humanidade, simboliza a utopia possível, fala do sonho da cidade compartilhada. O sonho, porém, deixa-se contaminar pelo movimento uniformizador da sociedade capitalista, que condena ao esquecimento os espaços significantes de nossa cartografia afetiva. Temo que nosso legado seja uma cidade sem rastros e sem história, caso não recuperemos a tempo a arte de vê-la e de fruí-la. Filho apaixonado destes espaços abertos, com eles confundo meu olhar e minha existência e luto para perpetuá-los para as futuras gerações.



Aguinaldo de Jesus
PFL

Preservar Brasília como Patrimônio

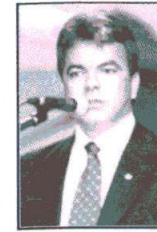
Cultural da Humanidade é preservar, para as gerações futuras, as maravilhas produzidas ao longo do século passado como referencial de grandeza dos homens que a idealizaram. Cabe, portanto, a nós, parlamentares e à sociedade como um todo, trabalhar para a manutenção de sua estrutura original com propostas e alternativas concretas para a solução dos problemas decorrentes da falta de consciência e civismo.



Wilson Lima
PSD

Brasília, Patrimônio da Humanidade, é

um exemplo a ser seguido. Com apenas 41 anos, já é considerada uma das cidades mais modernas do mundo. Seus traçados urbanísticos e sua concepção futurística atraem visitantes de todos os cantos do planeta. Mas ainda há outro motivo para que os brasilienses se orgulhem de Brasília e do Distrito Federal. Aqui, pratica-se a cidadania e a solidariedade. O GDF está erradicando as favelas e, no lugar delas, construindo cidades. Em vez de esmolas, os moradores dessas antigas favelas estão recebendo dignidade ao ter acesso ao sistema de educação, de saúde, de segurança, ao mercado de trabalho e ao tão sonhado lar. Temos a lei das filas, a faixa de pedestres com parada obrigatória. Temos orgulho do nosso Distrito Federal.



João Carlos
PPB

Brasília - Capital de todos os brasileiros,

exemplo e orgulho para todos nós. Fantástica e monumental criação dos geniais Oscar Niemeyer e Lúcio Costa que, ao contarem com o beneplácito do estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira, deram-se as mãos a esta obra gigantesca, ímpar no mundo. Desde sua inauguração em 1960, tem atraído os mais exigentes olhares, embevecidos com suas formas arrojadadas e seus traços de modernidade. Com todas essas evidências, a cidade sempre se apresentou talhada para, mais cedo ou mais tarde, se tornar Patrimônio Cultural e Artístico da Humanidade e, felizmente, isto não demorou a ocorrer. Hoje, temos esta responsabilidade e a obrigação de protegê-la e amá-la cada vez mais.



Jorge Cauhy
PFL

Cabe a cada um de nós manter vivo o sonho de

Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e de todos os que ajudaram a fazer de Brasília uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Para isso é necessário um esforço de todo brasiliense no sentido de corrigir possíveis falhas na política de ordenamento territorial que possam comprometer o tombamento e o meio ambiente. Para resolver os problemas que afligem o DF, a sociedade elegeu democraticamente 24 deputados distritais, que são os representantes legítimos da sociedade. Como tal, devem ser acionados para encontrar as respostas exigidas pela comunidade.



João de Deus
PPB

O maior patrimônio de um país é o seu

povo, e as suas cidades também. Brasília, a bela Capital do nosso país, inteiramente concebida antes de ser construída, é um mosaico de raças, culturas e características dos habitantes de todas as regiões do Brasil. É o quadrilátero mais democrático e representativo deste imenso país, e, à medida que vai se consolidando, vai mostrando como será o Brasil do futuro. Isso é possível graças ao povo que a construiu, especialmente seus primeiros trabalhadores, os heróicos candangos, pois com eles vieram não só a necessária força de trabalho, como também os primeiros traços culturais que compõem a beleza multicolor de Brasília.



Carlos Xavier
PSD

Brasília, aos olhos de muitos, é considerada

apenas a Capital política e administrativa de nosso querido país, mas, a nosso ver, ela representa muito mais. Nossa cidade, que foi idealizada e construída no alvorecer da década de 60 por homens como nosso saudoso presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, continua além de seu tempo. Brasília nasceu não somente para ser a capital de uma grande nação. Com suas linhas arquitetônicas arrojadadas, veio abrigar em suas asas, calorosamente, todos os que, com o mesmo espírito desafiador, contribuíram para que ela se tornasse Patrimônio Cultural da Humanidade.



Maria José Maninha
PT

Passados 13 anos do tombamento de

Brasília, a cidade se vê ameaçada tanto por pequenos delitos – pequenas invasões de área pública – quanto pela sanha de grandes especuladores e grileiros, que amealham fortunas explorando a terra pública. É bastante tênue a linha divisória que permite a preservação da cidade-monumento e, ao mesmo tempo, alguma flexibilidade para o adequado crescimento de uma cidade viva. É preciso uma atitude enérgica do governo do DF para combater a grilagem e fiscalizar as ocupações irregulares, o que infelizmente não vem ocorrendo. Só um organismo com poder de polícia pode impedir que Brasília fique à mercê de governantes que agem em função de interesses imediatos, pondo em risco o futuro da cidade e de seus moradores.



Nijed Zakhour
PMDB

Antes de ser patrimônio cultural de toda

a humanidade, Brasília é meu patrimônio; aqui depusitei minha vida, meus frutos, minha honra e minha dignidade. Legado de um sonho de todos os brasileiros desde o Brasil colônia, Brasília tornou-se realidade através da coragem de Juscelino e seus fiéis escudeiros: governador José Ludovico, vice-governador Bernardo Sayão, deputado Santiago Dantas, deputado Emival Caiado, deputado Israel Pinheiro, coronel Ernesto Silva, arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa, juntamente com todos os candangos e pioneiros. Sede de 2 milhões de cidadãos, capital de 170 milhões de brasileiros, famintos por justiça – pobres, doentes e em estado de miséria, mas cheios de esperança –, convictos de que um dia sairá justiça deste Distrito Federal, quando então se tornará um manancial de prosperidade (leite e mel) para toda a nação e o mundo.



Edimar Pireneus
PTB

A preservação de Brasília como Patrimônio

Cultural da Humanidade é uma exigência feita pela sociedade brasiliense, pelos meios de comunicação e categorias profissionais, mas é, sobretudo, um compromisso político dos representantes do povo no Poder Legislativo. Com o objetivo de atender essa exigência da população é que fiz a proposta de que todas as leis de alteração ou destinação de área sejam primeiramente discutidas e aprovadas pelo serviço do Patrimônio Público Federal e pelos órgãos técnicos responsáveis pela preservação da nossa cidade.



Paulo Tadeu
PT

Morar em Brasília é, sem dúvida, um

privilegio. Uma cidade de muitos personagens, onde as diversas culturas do país e do mundo se encontram, formando um povo de muitas raças. Um lugar de beleza única, ameaçado pela descaracterização. Brasília abriga, hoje, mais que o dobro de pessoas previsto no início da construção, o que fez com que o espaço tomasse novas formas na tentativa de abrigar a todos. É importante lembrar o dever da manutenção de uma cidade tombada como Patrimônio da Humanidade. E quando falamos em manutenção, falamos no dever de zelar pela boa utilização das áreas públicas, mantendo o verde e as áreas de lazer, tão valorizadas pelo projeto original. Não basta amar a cidade, é preciso lutar para que Brasília seja, efetivamente, um Patrimônio Cultural da Humanidade.



Silvio Linhares
PMDB

Quero denunciar o que considero uma agressão à

cultura: quase foram parar no lixo os desenhos do sambódromo de Brasília, assinados por Oscar Niemeyer. E, aqui, registro a perspicácia do sambista Manoel Brigadeiro que, na ocasião, conseguiu salvar toda a papelada. O episódio pode virar tema de carnaval. Alguns dos documentos que acompanhavam os desenhos tinham data de quando Brasília era governada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Agora que tive acesso aos papéis, reivindiquei a construção do sambódromo através da Câmara Legislativa (conforme texto de Lei Complementar nº 920/01, já aprovado na Comissão de Assuntos Fundiários). Sou folião e me dedico à tarefa de concretizar o sambódromo como um dos marcos culturais da cidade.



Alírio Neto
PPS

Um dos motivos de orgulho para nós brasilienses é

saber que moramos numa cidade, dentre pouquíssimas do mundo e do Brasil, que detém o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Agora, diante da degradação urbana e de notícias dando conta de que a nossa cidade está ameaçada de perder o honroso título, devemos, nós – principalmente os políticos –, moradores de todos os segmentos sociais, nos mobilizar em torno de uma cruzada cívica para preservar Brasília como patrimônio mundial e como uma das cidades de melhor qualidade de vida do planeta. Esta cruzada deve ser realizada agora, antes que venhamos a nos arrepender mais tarde. O alerta já foi dado pela Unesco. É necessário que a discussão em torno da manutenção do tombamento de Brasília saia dos simpósios e ganhe as escolas e as ruas. Como representante da população na Câmara Legislativa, estou imbuído deste propósito.



Anilcéia Machado
PSDB

A beleza e a leveza do traço de Oscar

Niemeyer, associadas à genialidade de Lúcio Costa e à determinação de Juscelino Kubitschek, nos reservaram uma importante conquista: o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. É o orgulho de estar numa cidade reconhecida mundialmente por sua arquitetura que deve estimular cada um dos brasilienses a preservá-la a cada dia. Como deputada distrital e representante legítima do povo, apelo aos moradores desta cidade a que usufruam de tudo de bom que ela nos oferece, sem, no entanto, deixar de atuar como verdadeiros fiscais da preservação de Brasília, um patrimônio de todos nós.



Lucia Carvalho
PT

O morador de Brasília ama a cidade e tem

orgulho de viver nela. Brasília é uma cidade única em todo o mundo. O turismo é apenas uma das suas potencialidades. O maior desafio que enfrentamos, no entanto, é o de crescer sem alterar seu projeto original. Não podemos defender a "mumificação" da cidade, que é muito nova e ainda está sendo construída. Alterações devem ser admitidas com planejamento, sempre justificadas. É preciso conscientizar e ampliar a participação popular, para que possamos crescer sem perder a identidade. É fundamental conhecer a história e o plano original da cidade porque, antes de ser patrimônio mundial, Brasília é patrimônio de todos nós.